



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA



PPGELS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
ENSINO, LINGUAGEM E SOCIEDADE

TEATRO NA ESCOLA:

Estratégias de Letramento-teatral

João Victor
de Souza Gomes Neves

Márcia Cristina
Lacerda Ribeiro
Orientadora



FICHA TÉCNICA DO PRODUTO

- ♦ **Título:** Teatro na escola: estratégias de Letramento-teatral.
- ♦ **Origem do Produto:** Trabalho de Dissertação intitulado “Teatro na escola: estratégias de Letramento-teatral”, desenvolvido no Mestrado Profissional em Ensino, Linguagens e Sociedade (PPGELS/UNEB)
- ♦ **Nível de Ensino a que se destina o produto:** Ensino Fundamental I
- ♦ **Área do Conhecimento:** Educação.
- ♦ **Público Alvo:** Formadores Educacionais, Coordenadores Pedagógicos e Professores.
- ♦ **Categoria deste Produto:** Atividade de Ensino.
- ♦ **Finalidade:** Formação.
- ♦ **Organização do Produto:** *Andrys Design*
- ♦ **Registro do Produto:** Biblioteca da UNEB – Campus VI
- ♦ **Avaliação do Produto:** Para além da avaliação da banca de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade, o produto foi aplicado em uma turma do 4º ano do Ensino Fundamental I de uma escola pública do estado da Bahia. Período: outubro de 2021.
- ♦ **Disponibilidade:** Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial à terceiros.
- ♦ **Divulgação:** meio digital e impresso.
- ♦ **Apoio Financeiro:** Custeado exclusivamente pelo autor.
- ♦ **URL:** Produto acessível no site do PPGELS, gratuitamente.
- ♦ **Idioma:** Português
- ♦ **Cidade/Estado:** Caetité/Bahia
- ♦ **País:** Brasil
- ♦ **Ano:** 2021



Capa/ Ilustrações:
www.pexels.com

Revisão:
Sílvia Ysnar Gomes da Silva

Diagramação/ Organização:
Andrys Design

Neves, João Victor de Souza Gomes

Teatro na Escola: Estratégias de Letramento-Teatral / João Victor de Souza Gomes Neves. - Caetité, 2021. 116 fls : il.

Orientador(a): Marcia Cristina Lacerda Ribeiro.

Inclui Referências

Dissertação (Mestrado Profissional) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade - PPGELS, Campus VI. 2021.

1. Teatro. 2. Letramento. 3. Prática Docente



Dedico estas páginas a Deus, meu refúgio; aos meus familiares, minha fortaleza; ao grupo de teatro Imagem e Ação, meu eterno veio criativo; à pequena Isis, meu notável "plot twist" e, por fim, à Dionísio (do teatro), a gente é amigo, sabe?!



Agradecimentos

Agradeço imensamente aos professores que contribuíram para que o presente trabalho se concretizasse,

A Ricardo Tupiniquim Ramos, mestre e amigo, sem o qual eu sequer teria submetido este projeto ao programa de mestrado;

A Márcia Cristina Lacerda Ribeiro, paciente orientadora e amiga, que com carinho e esmero tomou a minha mão e comigo caminhou até aqui;

Aos professores Manuel Rolph de Viveiros Cabeceiras e Luciête Souza Bastos, cujas amáveis e imprescindíveis orientações lapidaram meu texto e clarearam a minha visão;

As queridas amigas Drielly Joanna e Kelly dos Santos, corretoras e influenciadoras deste projeto, amigas, parceiras, irmãs.



Sumário

09 – *De onde **partiremos?***

11 – *Ensaio: Desafios da teoriz(**ação**)*

13 – Letramento e alfabetização são a mesma coisa?

16 – O Letramento-teatral não é um método!

19 – *A preparação para um projeto em
letramento-teatral*

20 – Vamos conhecer melhor o plano modelo de aula?

29 – O tempo: Olha a hora, professor!

32 – *Técnica: algumas **reflexões***

35 – Abordagem

36 – A gramática e o texto teatral

39 – Administração do emocional

47 – A produção do espetáculo

54 – *A cena: prática em construção*

64 – *Testando... Jogos teatrais*

66 – Como são os jogos?

67 – Que tipos de jogos nós temos?

87 – *Bastidores: Fim do espetáculo?*

88 – Letramento-teatral em ação:
um relato de experiência

103 – *Referências*



De Onde Partiremos?



Permitam-me tecer uma “criticazinha marota” sobre a profissão docente, antes mesmo de apresentar os dados já tão costumeiros,

necessários, esperados de uma introdução... Na verdade, não me parece adequado apontar qualquer crítica por aqui, mas... como dizem os aforismos mais conservadores: “é preciso começar de algum lugar”; eu escolho começar pelo começo. Começar pela pedra angular desse “nó górdio” (esse manual trata do teatro, amigos, nada mais elegante que citações mitológicas, não acham?) que se resume na seguinte questão: Por que alguém se torna professor?

A bem da verdade, não se sabe ao certo porque alguém se deixa seduzir pelo magistério, mas é claro que tal condição está atrelada ao mesmo princípio pelo qual alguém se torna ator; e não tem nada a ver com o aplauso, se me permitem mais uma vez... Eu, humildemente, creio que ambas as profissões estão relacionadas ao prazer de construir, de erigir pontes que façam professor e aluno - plateia e palco - vislumbrarem a imensidão do conhecimento, a plástica da história... E, sim: é vocação! É também, e acima de tudo, amor (aqui está a tal criticazinha marota de que lhes falei ao principiar esse texto), mesmo que alguns pensem que apenas o amor, o desejo e a vontade bastem para que o magistério\atuação se façam e utilizem-se deles para justificar as ignominiosas condições de trabalho e salários degradantes.

Toda essa conversa fiada até aqui, resulta de uma conclusão óbvia e necessária: tanto para o teatro quanto para a educação, o inacabamento é, via de regra, o elo que os conduz ao eterno florescimento, renovação, reflexão, progresso...

Significa, assim “de cara” mesmo, que ao ler um manual de título um tanto pretensioso como Teatro na escola: estratégias de letramento-teatral, não vão os amigos leitores crer que encontraram a solução para os seus problemas em uma compilação versão *pocket*, principalmente em se tratando de educação. Seria de grande valia se pudéssemos remover os nós da educação com a mesma facilidade que, disseram, fizera Alexandre, o grande (na tal história do nó górdio); mas nossos “problemas” vão além de uma simples carroça atada a uma coluna secular, talvez não haja uma solução simples, mas soluções viáveis...

uma dessas tantas soluções apresento-lhes nas linhas que se seguem.

De modo geral, convém assinalar que nosso sistema escolar sofre reveses de proporções pandêmicas... como se a todo momento, esse “paciente entubado” fosse infectado e reinfectado pelos mais diversos vírus mortais, todavia, não se alarmem: a educação no Brasil não é um paciente moribundo e esse manual está longe de ser um réquiem, mas uma saída útil para o grande sintoma dessa infecção metafórica: o fracasso escolar. Assim, foquemos no desejo de encontrar caminhos que auxiliem a prática pedagógica do professor no difícil exercício de conter a onda desse fracasso.

No seio das pesquisas em educação, mudanças recentes se operaram, e, entre elas, está o conceito de Letramento - como aponta o título deste manual - e suas implicações para as práticas reais de educação em sala de aula. Esse prospecto é um convite à leitura deste tópico tão importante que virá nas próximas páginas.

O manual que ora se apresenta tem intenção principal de descrever o letramento-teatral como alternativa pedagógica executável, possível, para se trabalhar os aspectos relacionados ao letramento. Com esta finalidade definida, todo o campo metodológico de pesquisa que embasou esta proposta voltou-se para a construção do conceito especificamente para as séries finais do Ensino Fundamental 1 (4º e 5º ano), conforme as expectativas de aprendizado em Habilidades e Competências propostos pela Base Nacional Comum Curricular, documento regulador oficial que, em conjunto com os Parâmetros Curriculares Nacionais e as Leis de Diretrizes e Bases da Educação, orientam de forma abrangente toda a educação no Brasil.

Este Produto Educacional (PE) foi concebido a partir da observação e da prática do profissional unida à questão da pesquisa apresentada para o PPGELS (Programa de Pós-Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade). Nestas páginas, sobretudo as que iniciam cada capítulo – carinhosamente chamados de “Atos” pela proximidade com o teatro – apresentam discussões acerca da metodologia, e de maneira clara e objetiva as formas de aplicação do PE, inclusive em relação aos referenciais teóricos. Ao final, o leitor encontrará uma parte bastante importante: “O cerrar das cortinas: o fim do espetáculo?”. Nele, o leitor encontra um relato de experiência que descreve a aplicação do PE em uma escola da rede municipal de educação do município de Caetité; ainda que tendo dados de identificação alterados em função dos direitos autorais, o relato apresenta

uma visão bastante abrangente do impacto que o PE representou na turma em que foi aplicado, inclusive, reflete o potencial de replicabilidade face à possibilidade de acesso e descrição, e será de acesso público e gratuito pela página do programa de Pós-Graduação (PPGELS), através do repositório institucional da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

Atenção: O manual de Letramento-teatral não pode ser visto como um método de alfabetização ou letramento, mas uma metodologia. E não se trata aqui de uma metodologia nova, inédita, pela utilização do teatro na escola, mas, a combinação de elementos a respeito das bases que perfazem o projeto garantem a qualidade, importância e a urgência em estudos desta natureza. Cabe ressaltar que, quando se trata de Letramento, o universo da pesquisa em educação se torna um campo de batalhas ideológico, cheio de dualidades conceituais, de pares de palavras (conceitos) que se digladiam por um espaço ao sol, daí a importância em tê-los esclarecido.

Os embasamentos, os lastros teóricos de uma nova metodologia de ensino são muito importantes para a prática do professor... só que a teoria é, às vezes, bem difícil de se transformar em prática.

Muitas vezes a teoria se mostra muito elucidativa, mas para o professor que atua na linha de frente da educação e se vê assoberbado de obrigações e obstáculos típicos da profissão é muito difícil conseguir sozinho traduzir a teoria em prática dinâmica e adequada de trabalho. E é aí que esse manual pode contribuir! Nessa segunda etapa do manual, teremos a teoria traduzida em prática, com macetes e dicas de utilização do Letramento-teatral, fórmulas, modelos e planos que não precisam ser utilizados integralmente, mas avaliados segundo a contribuição que podem trazer para as diferentes turmas encontradas nas escolas brasileiras.

Assim, convém que você, professor, leia com atenção todas as dicas e a partir delas procure adequar às realidades de suas turmas; faça todos os ajustes levando em consideração o tempo, espaço físico, materiais disponíveis, engajamento e, principalmente, o seu objetivo pedagógico.

Mãos à obra e “quebre a perna!”¹ – mas, não literalmente, por favor!

João Victor de Souza Gomes Neves

¹ Expressão típica do universo teatral, está relacionada à expectativa de que o público aplauda tanto e de forma tão entusiasmada que as “pernas” do teatro (parte lateral onde ficam as cortinas) se quebrem e levem o teatro abaixo.



Ensaio:

Desafios da teoriz(ação)

Há quem ainda hoje considere o teatro essencialmente como um veículo da literatura dramática, espécie de instrumento de divulgação a serviço do texto literário, como o livro é veículo de romances e o jornal, de notícias. Essa concepção exclusivamente literária do teatro despreza por completo a peculiaridade do espetáculo teatral, da peça montada e representada.”

(ROSENFELD, 1996, p.21)



1. Na teoria há sempre dois caminhos...

Esclareça-se: boa parte das convenções humanas (política, comportamento social, ciência, cultura...) se veem constantemente divididas, duplicadas, bifurcadas, polarizadas. É importante refletir sobre essa patológica necessidade humana de oferecer apenas dois caminhos, geralmente opostos, para o desenvolvimento de suas estratégias de ação; algumas vezes essa polarização é fortemente prejudicial, pois apaga um leque de possibilidades, e a criação de polos que se opõem apaga, suprime, um valioso espectro de complementares. Ainda assim, precisamos compreender esses polos, tão comuns em nossas vidas, para então tentar encontrar as intercessões entre eles, não é mesmo? Por isso, três pares de conceitos, ora antagônicos, ora complementares, necessitam de elucidação, são eles: método e metodologia; alfabetização e letramento; Teatro escolar e Letramento- teatral.

1.1 Letramento e alfabetização são a mesma coisa?

Não. Mas são complementares...

Letramento é um conceito substancialmente novo em relação a tantos outros dos quais se fala quando o assunto é educação; principalmente, porque tratar desse tema no Brasil sempre requererá que se considerem as práticas educacionais de Paulo Freire.

Sabe-se que Freire não foi o responsável por criar esse termo “Letramento”, o qual foi cunhado anos depois de seu impressionante trabalho na alfabetização de adultos em Angicos, Rio Grande do Norte, nos longínquos anos 60. Mesmo assim, o termo fora incorporado com bastante rapidez ao vocabulário pedagógico, mesmo que muitos o tenham confundido com o conceito de alfabetização e mesmo considerado um substituto da alfabetização tradicional. Aí está a gênese da problemática que precisa ser desfeita.

Analisando as falas de teóricos contemporâneos como Magda Soares (2008), Ferreiro e Teberosky (1999) e Moacir Gadotti (2005), observa-se que todos possuem produções intelectuais mais ou menos abalizadas pelas teorias freirianas de educação, mesmo assim, divergem drasticamente acerca da existência e aplicabilidade do termo Letramento. O próprio Paulo Freire, como se

pode observar no trecho que se segue de *A Pedagogia do Oprimido*, dá indícios sobre a importância da terminologia para a conceitualização das práticas, além disso, delinea claramente as bases de seu processo educativo promovendo uma ideia de universalidade educacional, observe:

Em verdade, não seria possível à educação problematizadora, que rompe com os esquemas verticais característicos da educação bancária, realizar-se como prática da liberdade, sem superar a contradição entre o educador e os educandos. Como também não lhe seria possível fazê-lo fora do diálogo. É através deste que se opera a superação de que resulta um termo novo: não mais educador do educando do educador, mas educador-educando com educando-educador. (FREIRE, 1987, p. 46)

Note-se com atenção - como também notaram Ferreiro e Teberosky (1999) e Moacir Gadotti (2005) - que o “plano” de Paulo Freire compreende um conceito amplo de alfabetização, ou seja, a prática freiriana já continha (ou melhor, contém) a generalidade das reflexões sobre a materialidade crítica da formação leitora, usos e recursos da linguagem em situações cotidianas com fim em transformação da realidade social (é o fim da “Eva que viu a uva!”). Por isso, tanto para Gadotti (2005), quanto para Ferreiro e Teberosky (1999), a palavra, o conceito “*letramento*” é apenas uma “invenção” que, de maneira geral, pode até desqualificar toda a discussão previamente empreendida pelo magno educador; como se a alfabetização freiriana se visse resumida a uma mera “técnica de leitura”.

Em caminho extremo oposto está Magda Soares (2008), considerada responsável direta pela popularização do termo *letramento* no Brasil. Ao aplicar o conceito à realidade brasileira, Soares (2008), além de denunciar os tristes panoramas da alfabetização (várias vezes acompanhada pelo epíteto de fracassada) assinala que o Brasil possui uma grande soma da população completamente alfabetizada, porém, distante de alcançar uma competência linguística exclusivamente relacionada às práticas de leitura proficiente, o *letramento*.

Para ficar mais clara essa diferença, Magda Soares (2003, p. 17-18), defende a existência desses dois conceitos e afirma que a alfabetização nada mais é que

[...] do ponto de vista individual, o aprender a ler e escrever - alfabetizar-se, deixar de ser analfabeto, tornar-se alfabetizado, adquirir a "tecnologia" do ler e escrever e envolver-se nas práticas sociais de leitura e de escrita [...]

Enquanto que, o letramento seria "O "estado" ou a "condição" que o indivíduo ou o grupo social passam a ter, sob o impacto dessas mudanças, é que é designado por '*literacy*'². O indivíduo letrado, ainda segundo a autora, é aquele que sofreu a alteração de seu:

estado ou condição em aspectos sociais, psíquicos, culturais, políticos, cognitivos, linguísticos e até mesmo econômicos; do ponto de vista social, a introdução da escrita em um grupo até então ágrafa tem sobre esse grupo efeitos de natureza social, cultural, política, econômica, linguística. (SOARES, 2003, p. 17- 18)

Magda Soares vem falar sobre a "invenção" ou "descobrimento" do conceito anterior ao termo, pois salienta essa condição um ano antes de Mary Kato, além de asseverar a existência paralela dos dois conceitos, apontando, por assim dizer, que a prática educativa pode possuir um sem o outro: os periclitantes números acerca da condição da educação brasileira e os inúmeros estudos acerca do "fracasso escolar" no Brasil corroboram com esta ideia.

Outrossim, ao longo dos anos, a academia, assim como as editoras e boa parte de toda a produção teórica sobre educação conceitualizam:



Alfabetização: A decodificação dos aspectos formais da língua, a parte pragmática do processo de leitura e escrita.

Letramento: As ideias de leitura aprofundada, crítica, discursiva, cultura.

² Diferentes textos apontam que o termo letramento fora cunhado por Mary Kato ainda no ano de 1986, baseada na tradução literal da palavra *literacy*, do inglês, que significa alfabetização.

Aliás, vale confirmar que o conceito letramento é apresentado em textos oficiais para regulamentação educacional. Assim afirmam os Parâmetros Curriculares Nacionais (1998):

Letramento, aqui, é entendido como produto da participação em práticas sociais que usam a escrita como sistema simbólico e tecnologia. São práticas discursivas que precisam da escrita para torná-las significativas, ainda que às vezes não envolvam as atividades específicas de ler e escrever. Dessa concepção decorre o entendimento de que, nas sociedades modernas, não existe grau zero de letramento, pois nelas é impossível não participar, de alguma forma, de algumas dessas práticas. (BRASIL, 1998, p. 21)

Por isso, como já fora dito no início dessa discussão, é possível que exista no complexo emaranhado das práticas escolares a alfabetização sem o letramento; essa, talvez, seja a chave do fracasso escolar e, portanto, o ponto crucial da atividade docente que necessita superar a polarização entre esses termos e construir, cunhar, facilitar a existência de um prisma conceitual dinâmico, como “alfabetizar letrando” ou “letrar alfabetizando”, ou, quem sabe ainda, em híbridos mais ousados, “letrar teatralizando”.

1.2 O Letramento-teatral não é um método!

Sim, sabemos que todo professor de ensino primário - seja das séries iniciais ou finais do Ensino Fundamental I – anseia avidamente pelo método mais eficiente de alfabetização ou letramento, e, antes de mostrar efetivamente o que é o Letramento-teatral, deve-se ter certeza de que o leitor deste manual saiba o que ele não é: não é um método, mas uma metodologia.



CONECTE-SE

Ainda referenciando Paulo Freire (1987), escuta-se com bastante frequência que existe um tal “método Paulo Freire de alfabetização”; há, por exemplo, ocorrências desse uso desde a publicação dos primeiros textos do autor e mais recentemente em mídias digitais populares especializados no tema como:

1. A versão eletrônica da *Revista Nova Escola* (2018) que apresenta o título *Existe método Paulo Freire nas escolas públicas?*
2. No site *Andragogia Brasil* (2016) com o genérico título *Método Paulo Freire de alfabetização*.

Sabe-se que Paulo Freire em seu percurso como educador pouco se dispôs a criar um “método” de alfabetização – tampouco de manipulação ideológica comunista como afirmam os extremo-direitistas baseados em vento - tal como os métodos sobre os quais se debruçam os alfabetizadores em suas pesquisas, como os métodos sintéticos, analíticos ou mistos, todos em suas variadas formas a partir do foco de ensino, como o método fônico ou silábico, ou ainda, o método global;

Para além de um método, Freire criou um lastro fundamental para o ato de ensinar, um conceito, uma referência teórica sólida, consistente, que garanta ao aprendiz uma prática educacional libertadora e crítica, próxima de sua realidade, capaz de muni-lo de todos os artifícios indispensáveis para sua vivência em seu ambiente real. Para entender essa segunda “dupla do barulho”, recorramos à Roberto Richardson (2012) que conceitualiza os termos método e metodologia, veja:

Método, vem do grego *méthodos* (meta = além de, após de + *ódos* = caminho).

Portanto, seguindo a sua origem, método é o caminho ou a maneira para chegar a determinado fim ou objetivo, distinguindo-se assim, do conceito de metodologia, que deriva do grego *méthodos* (caminho para chegar a um objetivo) + *logos* (conhecimento). Assim, a metodologia são os procedimentos e regras utilizadas por determinado método, por exemplo, o método científico é o caminho da ciência para chegar a um objetivo. A metodologia são as regras estabelecidas para o método científico, por exemplo: a necessidade de observar, a necessidade de formular hipóteses, a elaboração de instrumentos etc. (RICHARDSON, 2012, p. 22)

Por isso o Letramento-teatral não pode ser considerado um método, visto que ele não inaugura nenhuma ciência ou tecnologia completamente nova para a educação, mas certamente (e de maneira consistente, diga-se de passagem) consegue diversificar os caminhos, as formas, os jeitinhos de se chegar à finalidade já bem definida pela escola.



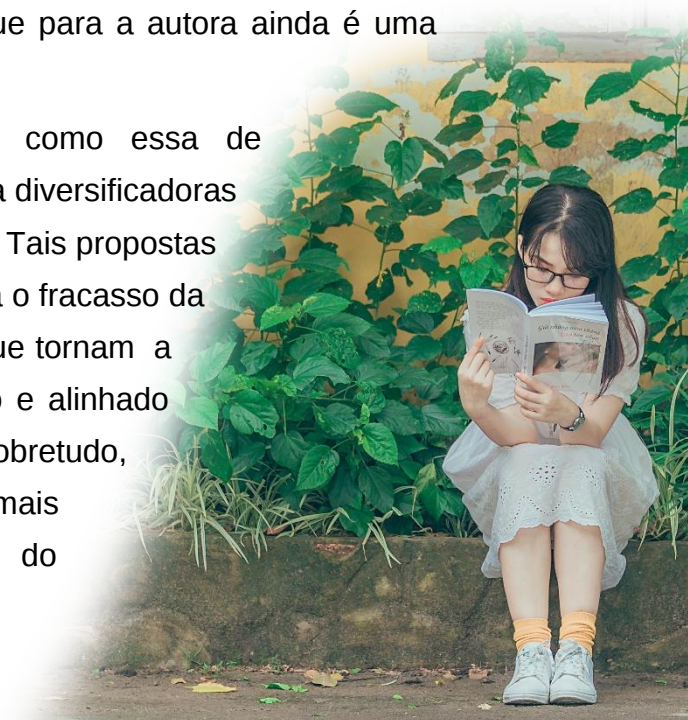
A questão aqui está na dificuldade que a escola tem de efetivar a tal diversificação metodológica. Aparentemente, e diz-se “aparentemente” pois discussões dessa natureza são sempre mais complexas do que sugerem, o professor

recém-formado possui amplo conhecimento das novas tendências pedagógicas, mas na prática não consegue aplicá-las, retirá-las dos muros da Universidade. Como afirmam Bagno e Rangel (2005) em um artigo publicado pela Revista Brasileira de Linguística Aplicada, intitulado “Tarefas da Educação Linguística no Brasil”:

[...] diferentes políticas oficiais de ensino (sobretudo as de âmbito federal) vêm gerando um acervo cada vez mais volumoso de reflexões teóricas, consubstanciadas em documentos da mais diversa natureza (leis, parâmetros curriculares, diretrizes, matrizes curriculares, princípios e critérios para avaliação de livros didáticos, etc.), aliadas a ações efetivas de intervenção nas práticas pedagógicas (exames de avaliação do ensino fundamental e médio, sistemas de avaliação de cursos superiores, programas de avaliação do livro didático, programas de formação docente etc.) (BAGNO;RANGEL, 2005. p. 64)

Para os autores, essas dificuldades estão voltadas ao currículo das universidades em cursos de licenciatura e práticas irreflexivas dos jovens docentes que permanecem em “modo repetição” das práticas tradicionais de ensino. Vale salientar que essa dificuldade de aplicação das novidades teóricas também é observada por Soares (2008) em seu texto intitulado “Alfabetização: a (des) aprendizagem das funções da escrita”; nele a autora chama a atenção para o aparecimento e popularização dos estudos linguísticos voltados para a alfabetização a partir da década de 1980, em virtude do chamado “Fracasso da Alfabetização no Brasil”, o que para a autora ainda é uma realidade.

Daí surgem iniciativas como essa de desenvolvimento de estratégia diversificadoras das práticas pedagógicas. Tais propostas representam saída viável para o fracasso da alfabetização ao tempo em que tornam a escola um local mais atrativo e alinhado às modernidades teóricas, sobretudo, porque proporcionam o mais importante ingrediente do sucesso na educação: o engajamento do aluno.



EXPLORANDO ideias

2. A preparação para um projeto em Letramento-teatral

O LETRAMENTO-TEATRAL é uma metodologia muito específica de trabalho. Não é possível acordar um dia, alegremente, e decidir de súbito empreender qualquer aspecto do processo de letramento através do teatro; isso porque o teatro é um ciclo bem definido, ele precisa ter início, meio e fim. Lembremos, primeiramente, que as observações e dicas a seguir estão direcionadas aos anos finais do Ensino Fundamental I, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular.

Acredite, o letramento-teatral é uma metodologia muito versátil, por isso tão fluida e diversificada quanto são diversificadas as realidades das salas de aula brasileiras. Pensando nisso, vamos trabalhar sobre um documento deveras importante para qualquer professor: o PLANO DE AULA!

Planejar bem uma aula é uma arte! É quase um exercício místico de adivinhação, porque não só de propostas conteudísticas vive um professor, mas também de imaginar como o seu aluno as receberá, como ele aprenderá, se aprenderá, que possíveis empecilhos poderão advir das ações pedagógicas... daí seja imprescindível que o professor esteja preparado para tudo. Um bom plano de aula poderá salvá-lo de situações embaraçosas e contribuir para que o processo de ensino-aprendizagem funcione como um relógio...

Observe um esquema de plano ao lado, o qual será utilizado como modelo para a construção das aulas:

PLANO MODELO DE AULA	
Instituição	
Professor	
Disciplina	Série \ Ano
Conteúdo	
Objetivo Geral	
Objetivos específicos	
Objetivos específicos na BNCC	
Metodologia	
Tempo	() Ciclo Reduzido () Ciclo Médio () Ciclo Expandido
Sensibilização	
Texto	
Ação pedagógica	
Administração do Emocional	

Roxo – recursos e referências...

2.1. Vamos conhecer melhor o plano modelo de aula?

Fazer um plano de aulas é garantir o sucesso do seu trabalho, professor! Pense comigo... não tem coisa mais triste no mundo do que ser tratado como “segundo plano” de alguém! No Ensino Fundamental, nosso professor é mais do que um regente sério... é nosso amigo! Queremos nos sentir importantes para ele, e essa sensação começa quando percebemos que ele se esforçou em preparar direitinho tudo aquilo para nós. Afetividade... é também ingrediente desta receita de aula gostosa!

Para te ajudar, algumas páginas atrás apresentam um modelo de Plano de Aula. Atenção: aquele é um **modelo** de plano, é absolutamente simplificado. Compreenda que as demais especificidades da turma precisariam ser acrescentadas no material em campos específicos para a descrição das ações adequadas, por exemplo: tenho alunos com necessidades especiais? Quais? Como alcançar estes alunos? Isso, só para ilustrar.

Os espaços que compõem o plano foram intencionalmente coloridos para que façamos uma diferenciação entre as partes. É claro que estão todas interligadas, mas cada uma é cada uma, né? Convém observar de pertinho...

2.1.1 O primeiro Tópico

PLANO MODELO DE AULA			
Instituição			
Professor			
Disciplina		Série \ Ano	

O Plano Modelo começa com o básico: informações sobre o professor e a escola. A parte amarela é

necessária para a apresentação do professor, mas, reparem, neste pedaço há informações sobre a disciplina e, principalmente, a série \ ano para o qual será oferecida a aula.

A utilização do teatro na escola, como já vimos, é tão plástica e diversa como São diversas as modalidades de ensino dentro da escola. É certo que seria possível utilizá-lo em outras disciplinas, mas para nós, neste Manual, todos os esforços se concentrarão na utilização do teatro por viabilizar as aulas de Língua Portuguesa.

Além disso, e em consequência disso, é imperativo que o professor esteja atento ao ano/série em que ele está introduzindo essa metodologia, já que se pode cometer enormes equívocos aplicando ações inadequadas às turmas simplesmente por não se atentar à série.



PENSANDO JUNTOS!

Podemos dizer o básico sobre a preparação de uma aula: não dá para “empurrar” inadvertidamente qualquer coisa sobre o aluno e esperar que ele consiga superar ou aprender. É preciso ressignificar as teorias e aproximar o aluno desse contexto específico, senão, o professor cairá na vala da mecanicidade (o que não é nada difícil quando se coloca o teatro nesse jogo) e a aula será mais uma demonstração de como se faz uma criança ou um jovem encenar um papagaio de piratas: repetindo tim-tim por tim-tim.

2.1.2 O Segundo Tópico

Conteúdo	
Objetivo Geral	
Objetivos específicos	
Objetivos específicos na BNCC	

Mais adiante, na parte azul do plano, temos as informações já habituais de um plano de aula comum, como conteúdos e objetivos. Campo indispensável já

que não se pode escolher caminho algum sem que se saiba onde quer chegar!

Os objetivos gerais de uma aula devem sempre nortear as ações tomadas pelo professor; além dos objetivos gerais, as condições atuais da turma com a qual se trabalhará também estão diretamente relacionadas com as escolhas do professor: turmas que jamais tiveram contato com o teatro, alunos com níveis de linguagem abaixo do esperado, alunos especiais ou com *déficits* de toda ordem; tudo precisa ser observado com cautela para um resultado agradável e produtivo em sua aula.

No entanto, há um subtópico muito importante nesse campo e que tem passado despercebido por alguns professores pelo Brasil: o campo de objetivos da BNCC. Na Base, esses “Objetivos específicos” estão relacionados

às competências e habilidades de cada componente. No caso das linguagens, como aponta o texto oficial da BNCC, a proposta:

[...] assume a centralidade do texto como unidade de trabalho e as perspectivas enunciativo-discursivas na abordagem, de forma a sempre relacionar os textos a **seus contextos de produção** e o desenvolvimento de habilidades ao uso significativo da linguagem em atividades de leitura, escuta e produção de textos em várias mídias e semioses. (BRASIL, 2018, p.67, *grifo nosso*)

Ou seja, é imprescindível que as ações a serem tomadas estejam diretamente relacionadas às competências e habilidades de cada conteúdo, conforme descrito no texto oficial, reparem que os “contextos” são o principal esteio para a presença do Letramento-teatral nas ações pedagógicas. Muitos professores reclamam dos códigos alfanuméricos que a Base utiliza para dividir as competências e habilidades, eles servem para identificar os objetivos de aprendizagem, ajudam a contextualizar a etapa de ensino, a faixa etária e o campo de experiência relacionado ao objetivo. Não é tão difícil quando se observa o significado de cada um dos números e letras nos códigos. Só para lembrar, veja um exemplo:

EF67LP01

EF

O primeiro par de letras indica a etapa de ensino, nesse caso Ensino Fundamental. Mas poderia ser:

- EI - Educação Infantil
- EM - Ensino Médio

67

O primeiro par de números indica o ano (01 a 09) a que se refere a habilidade. No caso de Língua Portuguesa, Artes e Educação Física, indica o bloco de anos, como se segue:

- 15 (1º ao 5º ano)
- 69 (6º ao 9º ano)

LP

O segundo par de letras indica o componente curricular.

- | | | |
|-----------------------|-----------------------|------------------------|
| •AR - Artes | ER - Ensino Religioso | MA - Matemática |
| •CI - Ciências | GE - Geografia | LP - Língua Portuguesa |
| •EF - Educação física | HI - História | LI - Língua Inglesa |

01

O último par de números indica a posição da habilidade na numeração sequencial do ano ou do bloco de anos.



PENSANDO JUNTOS!

Sendo assim, uma cópia da parte da BNCC correspondente à sua disciplina será o melhor amigo do professor no momento da elaboração do seu plano de aula; e, para aqueles que acham que a elaboração de um plano é um “trabalho” desnecessário, saibam que um bom plano:

1. *Garante a transparência do seu trabalho, principalmente, no que se refere às satisfações que todo docente deve ao seu núcleo escolar e às famílias que confiam no trabalho a ser desempenhado;*
2. *Oferece maior segurança ao professor que saberá exatamente o que fazer, como agir e o que deve providenciar para o sucesso de sua aula.*

Organização e planejamento jamais serão “demais” para ninguém, especialmente para um bom professor!

2.1.3 No Terceiro Tópico

Metodologia	
Tempo	() Ciclo Reduzido () Ciclo Médio () Ciclo Expandido
Sensibilização	
Texto	
Ação pedagógica	
Administração do Emocional	

modelo está colorido de verde.

Na sequência, adentraremos no bloco *master* desse Plano Modelo! É a parte que adapta o conteúdo e objetivos da aula para a metodologia do Letramento-teatral. Estamos falando do campo “Metodologia”, que em nosso

Observe que o campo “Metodologia” é o que possui maior número de subtópicos e precisamos valorizar cada um. O primeiro subtópico é o tempo.

A primeira pergunta que se deve fazer é: “quanto tempo eu disponho para a aplicação dessa ferramenta em especial?” Essa resposta fará toda a diferença, pois como pudemos observar nas considerações teóricas, a metodologia em Letramento-teatral está mais relacionada ao processo do que, necessariamente, à conclusão; quer dizer que não adianta se esforçar pelo

conclusão; quer dizer que não adianta se esforçar pelo espetáculo nível *Broadway* que você idealizou, às vezes, a turma alcançará apenas um pequeno espetáculo, com vários problemas estéticos, mas o processo foi tão enriquecedor que ele será considerado mais vitorioso que outro, cheio de plumas e paetês.

*Melhor começar por delimitar o tema. Quer saber mais sobre isso? Há um tópico inteirinho dedicado à delimitação do tempo na **página 26** deste manual. Corre lá!*

2.1.3.1 Ainda no Terceiro Tópico...

O campo da metodologia apresenta o subtópico “Sensibilização”. Este subtópico está relacionado à preparação do aluno antes da aula, a sensibilização do “espírito de participação”. Sensibilizar é,

Metodologia	
Tempo	() Ciclo Reduzido () Ciclo Médio () Ciclo Expandido
Sensibilização	
Texto	
Ação pedagógica	
Administração do Emocional	

acima de tudo, atrair a atenção para que o trabalho se inicie de maneira adequada.

Como se trata de uma metodologia voltada para o teatro, a sensibilização do aluno deverá ser feita através dos jogos teatrais. Algo bastante positivo se opera sempre que o jogo teatral é utilizado em sala de aula; um dos principais ganhos se dá na relação do jovem aprendiz consigo mesmo e com os outros. Um dos pilares do grupamento teatral é a confiança no outro, veja: a consciência de que um ator depende das “deixas” dos outros personagens para dar prosseguimento à cena cria laços de amizade e confiança entre os participantes do grupo.

Assim, além de conectar os indivíduos entre si, os jogos teatrais proporcionam o real processo de autoconhecimento, tão relevante para o crescimento íntimo do aluno. A propósito, os jogos teatrais, que agora são utilizados na sensibilização do aluno, poderão ser usados em qualquer momento da aula tendo em vista a diversidade de jogos e atividades desta natureza, porém, sempre buscando adequá-los ao objetivo que se deseja. Quer

saber mais sobre isso? Não se aflija! À frente há um capítulo inteirinho cheio de dicas para você.



PENSANDO JUNTOS!

Jogos teatrais são o caminho mais interessante para a sensibilização e contextualização dentro de uma sala de aula. Podem ser utilizados a qualquer momento e são aliados fortíssimos da criação de um sentimento de unidade e pertencimento dentro de uma sala de aula.

2.1.3.2 O Terceiro Tópico também tem...

Metodologia	
Tempo	() Ciclo Reduzido () Ciclo Médio () Ciclo Expandido
Sensibilização	
Texto	
Ação pedagógica	
Administração do Emocional	

TEXTO. E aqui foi escrito em caixa alta para assegurar a importância dele nesse processo. Vamos lembrar que o teatro aqui é o meio, não o fim.

A Base diz que:

Ao componente Língua Portuguesa cabe, então, proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

As práticas de linguagem contemporâneas não só envolvem novos gêneros e textos cada vez mais multissemióticos e multimidiáticos, como também novas formas de produzir, de configurar, de disponibilizar, de replicar e de interagir. (BRASIL, 2018, p.67-68)

Um receio enorme existe quando se utiliza o teatro na escola com função de viabilizar o letramento, afinal, o professor precisa sempre se lembrar que o foco não é o espetáculo, mas o uso e a experiência da literatura, do texto escrito, da contextualização e interpretação desse texto... essa é, essencialmente, uma aula de língua portuguesa que tem o teatro como coadjuvante. Assim, não nos deixemos ludibriar pelo *glamour* dos palcos e nos esquecer da prática da leitura e da escrita, nosso foco principal.

Além disso, a escolha do texto precisa ser assertiva, já que dele depende todo o trabalho da aula, seja ele gramatical, interpretativo (letramento), transversal (no que tange à temática), multimodal ou intersemiótico. Não nos esqueçamos também de que a escolha deve sempre levar em consideração a série (idade) e o nível de desenvolvimento da turma.



PENSANDO JUNTOS!

O texto, seja escrito ou falado, independente do gênero com o qual se apresente, é a causa primeira e a finalidade de toda aula de língua portuguesa. Por isso, escolhê-lo bem ao ponto de instigar a animação e participação do aluno é de suma importância para o sucesso do projeto em Letramento-teatral.

2.1.3.3 O Terceiro Tópico rendeu ainda...

A parte mais “gostosa” do plano de aula: a Ação Pedagógica. Neste subtópico em específico, o professor irá detalhar os pormenores da ação que o ajudará a materializar o letramento-teatral. Quando se chega nessa altura do plano, praticamente já são conhecidos todos os ingredientes necessários dessa misturinha mágica

Metodologia	
Tempo	() Ciclo Reduzido () Ciclo Médio () Ciclo Expandido
Sensibilização	
Texto	
Ação pedagógica	
Administração do Emocional	

que o teatro vem trazer... já se sabe a série, o conteúdo e os objetivos; também conhecemos o tempo disponível; já foram determinados o texto e a sensibilização nele baseada... basta agora organizar os passos que melhor contribuirão com a metodologia, para que tudo corra bem.

Lembre-se que o tópico que antecede a “Ação Pedagógica” trata da necessidade de escolher bem o texto que será “pretexto” de todas as atividades que se seguirão. Além desta, outra preocupação relevante está na forma como esse texto será apresentado ao aluno. Cumpre que o professor deva empregar diferentes gêneros textuais e cada um deles requererá uma abordagem diferente para o Letramento-teatral, pensem: é um conto? Um poema? Um romance? Um quadrinho? Uma parlenda? Uma fábula? É um roteiro de teatro?

Como podemos acessar esse texto e apresenta-lo à turma?

1. Ele será cantado?
2. Declamado?
3. Teremos roda de leitura dinâmica (leitura branca)?
4. Veremos alguma adaptação audiovisual?
5. Faremos uma dinâmica em forma de jogo teatral?

A escolha dessa abordagem tem a ver com “comprar a ideia”. Reflita: o aluno precisa ser instigado a produzir teatro baseado nesse texto e, como já se pode prever, ele será exaustivamente rodeado pelo texto ao longo do período pensado pelo professor.

Atenção, “exaustivamente” só quer dizer “constantemente” ou “repetidamente”, já que não queremos “cansar” o aluno, mas “exaurir” todas as possibilidades de uso do texto...

Por isso mesmo é que ele, o aluno, deve estar animado com o texto... ele deve sentir aquele fogo, aquele desejo de trabalhar com ele, de perscrutá-lo, de imaginá-lo, de vislumbrar a si mesmo naquelas linhas... nem sempre o professor vai conseguir esse *frenesi* depois de propor uma leitura (prepare-se para muitos “aaaaahhh!” ou “humpf!”), mas faz parte da nossa tarefa o de esperar o tempo de cada um, na hora certa todos se deixarão encantar...

No decorrer da organização desse tópico, o professor precisa listar todas as ações que serão empreendidas, nos mínimos detalhes... a sugestão é fazer tudo por tópicos.



PENSANDO JUNTOS !

Não dá para improvisar... tudo precisa ser preparado! Um planejamento define a diferença entre a boa aula e a má. Além disso, quando se têm tudo organizado, as chances de se encontrar um obstáculo que aparente ser intransponível são bem menores, e, se aparecer, o plano dará uma ideia de como subjugar-lo.



Em atu(ação)

Você já consegue se imaginar utilizando o teatro em suas aulas de português? Calma! Não deixe a ansiedade tomar conta de você, comece com algo simples e dinâmico... que tal promover uma pequena oficina de fantoches com caixinha do tipo *tetrapak*? Essas são aquelas velhas caixinhas de leite ou achocolatado, ideais para um bom artesanato!

Você pode iniciar a semana com a leitura de um conto, seguido da reflexão e proposta de adaptação dramática (é só um “recontar” da história pelos alunos), prossiga com uma oficina de construção de fantoches e para uma exposição da adaptação com a ajuda dos bonequinhos criados pelos alunos. Não é incrível? Uma atividade simples que contém leitura, interpretação, adaptação, manualidades juntamente com o desenvolvimento motor e interação social. Um pequeno, mas muito significativo projeto!



Como Fazer um fantoche com uma caixa de leite / How to: puppet with milk carton

237 mil visualizações • há 8 anos



Planeta Viável

No “Como Fazer” de hoje, você vai aprender a como construir um fantoche ecológico utilizando uma caixinha de leite, papel ...



CONECTE-SE

Disponível em:

<< <https://www.youtube.com/watch?v=zBbOgN8LlfQ> >> acesso em 01\09\2021



Aprimore-se

O tempo: olha a hora, professor!

Lá no campo “Metodologia” do Plano de Aula Modelo, a gente falou um pouco sobre a importância do tempo para elaborar a aula, não foi? Pois então, a seguir, vão algumas considerações que ajudarão a você, professor, na hora de planejar seu trabalho.

Então, comece por delimitar o tempo. O plano, por si mesmo, apresenta três possibilidades de planejamento. Veja:



Ciclo reduzido:

O ciclo reduzido em Letramento-teatral não tem interesse em montagem de um espetáculo, ele estará circunscrito ao estudo do texto, processos de adaptação textual, leitura-branca, análises interpretativas e, algumas vezes, atividades de improvisação. Geralmente, o ciclo reduzido dura entre duas e cinco horas\aulas, baseado nas matrizes curriculares da maioria dos estados brasileiros para a disciplina de língua portuguesa, as quais entreveem até cinco aulas semanais.

Investir em ciclos reduzidos ajuda bastante quando se deseja criar uma “cultura do teatro” em sua escola, é uma “porta de entrada” para projetos maiores. Muitas vezes, o aluno se encontra condicionado a uma série de questões psicológicas delicadas como a timidez, insegurança, medos... assim, cautelosamente, o professor poderá orientá-lo nesse processo de autodescoberta, de autoconfiança e impostação perante o mundo!

É imprescindível que o docente tenha cuidado ao propor atividades que ativem as habilidades socio-comunicacionais de seu aluno; marcas e traumas psicológicos oriundos de situações como essas costumam acompanhar o indivíduo durante toda a vida, daí a importância de discutir tais atividades com a coordenação pedagógica e/ou psicólogo escolar para não cometer deslizes ou

superá-los quando inevitavelmente ocorrerem.

A propósito, lembrem-se, não estamos formando atores profissionais... o foco é o Letramento! E, junto com o letramento, as habilidades sociais e emocionais, jamais se esqueçam disso, assim, não correremos o risco de deslumbramentos desnecessários em detrimento do trabalho com a palavra escrita, com a literatura.



Ciclo médio

O ciclo médio em Letramento-teatral, por possuir mais tempo disponível, já está interessado em criar um pequeno espetáculo. Atenção, é um PEQUENO espetáculo! Assim, o ideal é que se utilizem os esquetes ou sainetes - pecinhas curtas - como ferramenta de estudo.

Diante de todas as dificuldades pelas quais se passa na montagem de um espetáculo, estima-se que o ciclo médio tenha duração de dez a quinze horas\aulas, baseado nas matrizes curriculares da maioria dos estados brasileiros para a disciplina de língua portuguesa, as quais entreveem até cinco aulas semanais.

Essa não é uma proposta de trabalho adequada para comemorações e festividades, visto que a proposta de estudo, voltada para o processo, estará desobrigada de um sem-número de elementos necessários a uma montagem de espetáculo para um público maciço; os sainetes são muito interessantes para serem apresentados dentro das próprias turmas, ou para outras turmas separadamente (juntamente com alguns funcionários da escola ou outros professores da turma). É uma formatação simples, focada exclusivamente para o consumo interno.



Ciclo expandido

O ciclo expandido em Letramento-teatral é o ideal para turmas que já possuam longa relação com o teatro na escola. Por possuir prazo suficiente para dar vida a espetáculos mais elaborados, o ciclo expandido pode atravessar diversas linguagens em seu processo criativo, além das habituais leituras, interpretações e discussões, criações figurinísticas, cenográficas, cancioneros e

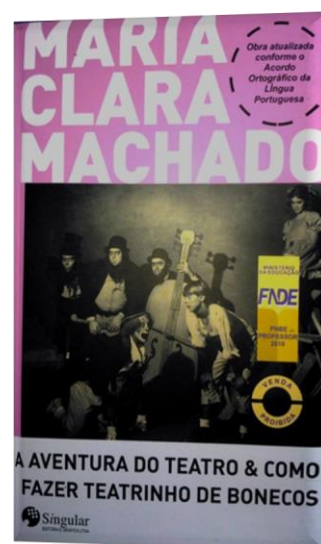
muitas outras técnicas de leitura aprofundada podem estar presentes em projetos deste porte.

O ciclo expandido não possui prazo definido, mas, é maior que todos os outros ciclos. Não se assuste... cada escola precisa estabelecer metas e propósitos para isso e o tempo é uma problemática comum para todos. Nesse ciclo talvez conviesse à escola uma carga-horária específica para o teatro em horário oposto. Falaremos mais sobre isso adiante.



Eu Recomendo

A sempre maravilhosa e assertiva Maria Clara Machado publicou, pela editora Singular, um manual bastante interessante sobre o uso de teatrinho de bonecos na escola: **A Aventura do Teatro: Como Fazer Teatrinho de Bonecos**. Uma leitura excelente se você deseja iniciar a artes de animar ventríloquos, títeres, fantoches, dedoches...



Rosana Rios também brincou com o teatro de bonecos e nos deu muitas dicas de como brincar também! **Brincando com Teatro de Bonecos** é uma ótima pedida para se aprofundar ainda mais nesse mundo de sonhos tão antigo e tão encantador!



Técnica:

Algumas reflexões

O teatro é, efetivamente, uma mistura de outras linguagens, de outras artes; [...] Efetivamente, o teatro tem um sistema de ordenação e combinação dessas várias linguagens, e esse sistema funciona pois **sempre se reconhece um teatro quando se está diante de um**; tem um sistema de combinar essas várias linguagens distintas de modo a anular cada uma delas e propor uma visão de conjunto onde nenhuma se destaca de modo especial.”

(GUINSBURG [et al] , 2003, p.12, grifo nosso)



1. Um professor organizado vale por dois...

...Diz o sábio professor, e se não o disse, com certeza deveria fazê-lo, pois é uma grande verdade!

As primeiras páginas deste manual deram conta do processo preparatório para as aulas de teatro na escola, de agora em diante teremos apenas que cuidar do processo de execução das aulas previstas e, acredite, executar um plano é bem mais fácil que criá-lo; às vezes, passa-se horas e mais horas planejando e preparando uma aula que se processará em pouco mais de 40 minutos, por isso não se espante com o fato de que a parte “Durante a aula” seja, por assim dizer, mais curta que as demais partes do manual, afinal de contas, numa aula de teatro, mesmo que em acordo com uma aula de língua portuguesa, conta-se muito com a inspiração, atenção e sensibilidade do professor... gatilhos que só se resolvem “na hora” mesmo!

Este ponto que ora iniciaremos será dividido nos seguintes tópicos:



Abordagem;
A gramática e o texto teatral;
Administração do emocional;
A produção do espetáculo.

Cada um deles contará, sempre que possível, com dicas e relatos que contribuam com a execução das suas aulas. Assim, como já dito no início dessa introdução, o sábio professor estará de fato preparado para o transcorrer ordeiro de sua aula!

Cuidado nunca é demais...

Como é de praxe, não existe a menor possibilidade de se entrar numa sala de aula sem antes planejá-la. No caso de se estabelecer uma conexão com o Letramento-teatral, já fora bem descrita a importância de se ter um plano de aulas completo e bem descrito, assim a equipe coordenadora de sua escola estará ciente de todos os seus passos e poderá ajudá-lo na hora de organizar sua aula.

Além de um plano de aulas completo, convém que o professor tenha em mãos todos os materiais necessários para a execução dos jogos, das atividades, das leituras, um mínimo deslize poderá pôr em risco o projeto de aula, uma vez que, em se tratando de teatro, criar uma atmosfera criativa e cativar os alunos para participar do que quer que o professor proponha é uma tarefa bem árdua, se, durante o processo, o professor ficar:

- a) Saindo ou pedindo alguém para sair constantemente em busca de algum pequeno recurso esquecido, mesmo uma fita adesiva ou uma folha de papel, pode gerar um certo desânimo que contamina rapidamente a classe;*
- b) Concluindo a montagem dos jogos ou decorações enquanto a turma está entrando na sala, também interrompe o fluxo criativo das crianças;*
- c) Enrolando a classe enquanto espera ligarem recursos tecnológicos ou mesmo enquanto espera concluírem a impressão de textos e apostilas, tais podem também contribuir para o fracasso da aula.*

Logo, é imprescindível que a turma já entre numa sala organizada e pronta para a atividade, que todos os recursos já estejam dispostos sobre a mesa do professor e que sua “maletinha SOS”, repleta de utensílios de uso constante e rápido como fita adesiva, tesoura, barbante, cola quente, extensões, lápis, borrachas, etc. já esteja à mão para qualquer eventualidade.

Importante ser previdente também com a roupa usada pelo estudante. Em algumas escolas, o fardamento escolar costuma ser uma calça *jeans* e a camisa da escola, que pode ser de malha ou tecido; para o melhor aproveitamento dos jogos teatrais, a depender da atividade planejada para aquele dia, vale a pena solicitar da direção a permissão para que os alunos

venham trajando roupas leves como calças e camisas de malha. Sem a devida mobilidade, teremos um jovem com a capacidade de participação limitada. Muito legal também é oferecer ao aluno um cronograma de atividades para um determinado período, no qual haja alguma consideração sobre o traje utilizado.

Ah, e o mais importante é que o professor tenha sempre um plano B! Há uma certeza na vida que a física já deve ter provado: tudo pode dar errado em algum momento. É claro que não se deve viver constantemente amedrontado com a possibilidade do erro, mas é natural que algo obste seus planos de vez em quando, então, não custa deixar um ou outro plano paralelo à manga que possa assegurar o sucesso de sua aula, mesmo em situações adversas.

2.1 Abordagem

Conforme já preambulado em páginas anteriores, muitos são os reveses pelos quais pode passar um professor que tenha interesse em aplicar o letramento-teatral. Mas, na hora de transmitir a importância do teatro para turma, o professor poderá “escorregar” no excesso de discursos na tentativa de convencer seu aluno a participar e ser ativo nas atividades propostas... calma! A ideia é ter o teatro como estratégia pedagógica e não “*pedagogizar*” – “teorizar” – o teatro, explicando melhor, o ideal é que a abordagem seja um todo coeso e dinâmico.

O professor precisa lançar mão de uma série de ações e convidar seus alunos a participarem, caso um ou outro não tenha desejo de estar ali junto aos demais, agindo e brincando enquanto aprende, melhor deixá-lo em paz. Assim que a criança se sentir à vontade, ela certamente se integrará à atividade; se, mesmo depois de muito tempo você ainda assim não conseguir integrá-la, o ideal é que, depois da aula, você professor converse calmamente com a criança e esclareça que a atividade é legal, ouça suas explicações, argumente e então convença-o a participar, lembremo-nos de que não podemos obrigar ninguém a fazer o que não quer.

A postura do professor deve sempre ser afetuosa, alegre e compreensiva. E a dinâmica das aulas deve também ser bem estruturada e dinâmica. No tópico a seguir, preparamos dois modelos de aulas com dicas de aplicação, além de boas observações sobre o letramento e a gramática normativa.

2.2 A gramática e o texto teatral

Agora assim é que adentramos num terreno pantanoso... difícil de ultrapassar... polêmico: o ensino da gramática e as questões relacionadas às práticas desse ensino. Convém sempre lembrar que o nosso manual não tem interesse em discutir as celeumas que envolvem tais questões, já que muitos professores mais afeitos à gramática normativa são por aí aclamados “bons professores” ou chamados de “obsoletos e gramatiquistas”, por outro lado, alguns professores de atitude libertária são também laureados pelos métodos inovadores e, ao mesmo tempo, também cognominados de irresponsáveis.

De uma forma ou de outra, temos a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) apresentando de forma equilibrada as noções de habilidades e competências em acordo total com as questões gramaticais que, felizmente, não foram nem serão abandonadas, mas relativizadas diante dos usos modernos da linguagem.

Por isso e diante destas questões é que o Letramento-teatral também questionará, ou será veículo de questionamento para as aulas de gramática, ainda que seu foco principal esteja voltado ao aspecto leitor/letramentista. Observemos adiante o plano de aula para uma turma de quarto, do Ensino Fundamental I, anos finais.

PLANO MODELO DE AULAS

Instituição: XXXXX

Professor: XXXX

Disciplina (área de conhecimento): Língua Portuguesa

ANO: 4º ANO \ ENSINO FUNDAMENTAL 1

Conteúdo/ Objeto do conhecimento: Construção do sistema alfabético e da ortografia.

Objetivo geral/ Prática de Linguagem: Análise linguística e semiótica.

Objetivos específicos:

- ⇒ Reconhecer a inexistência do som da letra H sempre que não estiver acompanhada de L, N ou C;
- ⇒ Aprender a sonoridade das sílabas complexas (dígrafos);
- ⇒ Utilizar satisfatoriamente o dicionário.

Objetivos específicos na BNCC: EF35LP12 \ EF35LP13

Tempo: Ciclo reduzido (Proposta de utilização do teatrinho de bonecos) – Expectativa de tempo: 4 aulas.

Sensibilização: Jogo de falar: “Adoleta” com trava-línguas.

Texto: “Maluquices do H” de Pedro Bandeira.

Ação Pedagógica:

1. Sensibilização: dividir a turma em duplas e trazer trava-línguas nos quais apareçam a letra H em diversas circunstâncias. O professor deverá “ensaiar” rapidamente as quadras e os movimentos das mãos, propondo desafios de linguagem. As quadras deverão estar escritas em um cartaz.

QUADRINHAS \ TRAVA-LÍNGUAS (DOMÍNIO PÚBLICO)

*“Quem cochicha, o rabo espicha.
Quem namora, o rabo estoura.
Quem escuta, o rabo encurta.
Quem reclama, o rabo inflama.”*

*“A aranha arranha a rã,
A rã arranha a aranha,
Como tal manha arranha a aranha,
Como a rã com artimanha.”
“O Chico caça o cachimbo,
Enquanto a Chica faz chá,
O chá da Chica nem chia,
E o Chico nem sabe caçar.”*

2. Conversa com a turma sobre o som da letra H, apontando as diferenças entre eles na construção das palavras nos trava-línguas;
3. Apresentar a regra geral do uso do H e as consequentes dificuldades de escrita que poderão incorrer aos usuários da língua;
4. Ler o poema “As maluquices do H” de Pedro Bandeira;
5. Criar listas de palavras com os sons do H separando as palavras utilizadas no poema;
6. Retomar a diversidade de palavras do poema “As maluquices do H” de Pedro Bandeira, justificando a existência do dicionário, apresentando suas funções e técnicas de utilização;
7. Orientar que os alunos acessem o dicionário para complementar as listas de palavras propostas no item 5;
8. Por fim, propor escrita criativa (dupla ou grupo) num diálogo entre o dicionário e a letra H (ou uma personagem criança \ aluno) a respeito das dificuldades do uso do H. Entregar material impresso com a figura de um dicionário e uma criança ou a letra H para serem coloridos e colados num palitinho, com eles, as duplas (ou grupos) serão incentivados a “apresentarem” seus diálogos no teatro de bonecos.

Administração do Emocional:

- ⇒ As crianças ficam nervosas ao “errarem” a pronúncia das palavras em um trava-línguas, por isso, vale a pena que o professor seja sempre o primeiro a tentar e desmistificar a ideia do “erro” fazendo a turma entender que esse é o objetivo da brincadeira;
- ⇒ Não raramente as crianças podem evitar apresentarem seus trabalhos aos demais colegas, mesmo que sejam incentivados a isso. Aso tal coisa aconteça, o professor poderá sugerir que ele mesmo faça a leitura do diálogo durante a apresentação, ou mesmo desobrigue o aluno de apresentar o material, dando-lhe espaço para fazê-lo apenas quando se sentir à vontade.

Recursos:

1. Cartaz com os trava-línguas;
2. Lousa, pincel atômico ou giz;
3. Materiais impressos (poema “Maluquices do H” e personagens do teatrinho);
4. Material de pintura;
5. Cola branca ou fita adesiva;
6. Palitos de churrasco;
7. Estação para teatro de bonecos (pode ser feito de papelão, madeira, papéis reciclados ou improvisado nas próprias mesas escolares.)



PENSANDO JUNTOS !

O plano apresentado anteriormente não passa de um modelo simplificado de aula para uma turminha de 4º ano, do Ensino Fundamental I. A simplicidade do plano se deve, principalmente, ao ato de essa ser uma turma imaginária e desconhecida, porém, imaginemos as possibilidades de uma atividade como essa sendo desenvolvido no interior de uma escola real, baseada na compreensão que o professor regente tem de sua turma e das potencialidades que ela possui!

Todo o processo é amplamente diversificável e abre os olhos do regente sobre a utilização do teatro como metodologia: primeiro, há a leitura, depois, em consonância com o aprendizado formal do aspecto gramatical, o aluno é convidado a criar... a escrever, a praticar a sua linguagem num contexto real (o teatro), por um mecanismo imaginário (a humanização de um objeto – o dicionário – e o diálogo com ele estabelecido).

Além disso, há que se observar o aspecto mais que relevante nesse plano e nos processos que levam o letramento-teatral como ferramenta, que é o cuidado com a saúde psicológica do aluno ao antevermos os possíveis entraves para a aplicação da atividade e as soluções mais adequadas para resolvê-los. O teatro na escola não deve ser impositivo, mas agradável e produtivo!

Outrossim, é também recomendável que seja feita uma escolha consciente do texto e a problematização dele; note que os textos escolhidos estão devidamente relacionados ao conteúdo gramatical em questão e poderia também estar relacionado a temas específicos para a aula, sejam eles temas transversais ou próprios da realidade do aluno, quem sabe arriscar-se numa atividade conjunta com outra disciplina? Este é um trabalho muito significativo para o aluno e ressignificativo quanto à prática docente

2.3 Administração do emocional

Bullying, indisciplina, timidez, desinteresse, traumas, inclusão de alunos com necessidades especiais... sempre que se fala de introduzir um elemento diferente desse modelo de estabilidade no qual os professores geralmente se colocam, surgem logo os termos\traumas arrolados na primeira linha deste tópico.

A questão se dá, principalmente, em função de a escola, até pouco tempo atrás, simplesmente negligenciar o aspecto psicológico dos alunos e até mesmo contribuir com o desgaste da saúde mental deles, apenas por acreditar que tais preocupações não fazem parte da alçada da pedagogia em sala.

Acontece que a realidade da maioria das salas de aula brasileiras faz crer da imperativa necessidade de se humanizar o processo pedagógico, pois é função da escola estabelecer princípios morais e cidadãos que incluam o autoconhecimento e relações interpessoais, passando pelo respeito, pelo cooperativismo e sobretudo pela empatia. Cada um desses temas possui ramificações extremamente diversas e complexas para um simples manual, pois requerem esforço e pesquisa em educação e psicologia, mas podem ser trabalhados de forma bastante produtiva se a comunidade escolar estiver disposta a encontrar soluções criativas para o desenvolvimento universal do corpo discente.

Questões como *bullying*, traumas e timidez podem, se encarados por uma equipe multidisciplinar e coesa (psicólogo escolar, coordenação pedagógica, psicopedagogo, professor, família etc.) ser superados pela abordagem teatral, não somente pelo tratamento desses temas nos textos de teatro, mas, especialmente, pela própria natureza do teatro que tem a capacidade de acolher, de integrar, de formar laços de confiança e redes de apoio e cuidado. Daí o sempre haver nos planos de aula um espaço próprio para que o professor “preveja” certas dificuldades e embates a fim de conduzi-las da melhor maneira, de modo que o



aluno obtenha saldo positivo da experiência teatral, um ganho para além do aprendizado formal e da linguagem.

É também do teatro a capacidade de resgatar os jovens do alheamento, porquanto confere sentido aos processos e seduz pelo aplauso, já que acessa as mais íntimas personalidades da autoestima do jovem, dando-lhe oportunidade de expressar sentimentos adormecidos e escondidos pela “capa cinza” do desinteresse.

Alunos com necessidades especiais, independentemente de suas condições pessoais, são completamente elegíveis para o trabalho em teatro, basta que o professor consiga adaptar o processo e garantir a verdadeira inclusão, as linhas anteriores já deflagraram a natureza fraternal, intensa, coesiva, formativa e dinâmica do teatro; alunos com necessidades especiais podem ter nas abordagens teatrais a linha que os conduzirá à efetiva integração com os colegas e com a comunidade, sem contar com a perfeita integração da linguagem em sua materialidade, apresentada no contexto do real, tal como nos apresenta o teatro escolar.

Não será nunca possível apresentar um caminho invariavelmente perfeito para o cuidado com as relações psicossociais dos alunos integrados pelo Letramento-teatral, mas, a mérito de introdução... vai adiante um checklist dos cuidados com a abordagem teatral:

- I. Apresente o teatro aos poucos para seus alunos, é preciso criar uma “cultura teatral”, então vá com calma;
- II. Esteja atento às reações deles, todo o trabalho pedagógico deve estar plenamente relacionado à classe, assim, tudo pode mudar se a classe assim o exigir;
- III. Esteja em contato com a família, o trabalho com o teatro depende também do apoio familiar;
- IV. Não deixe para depois a problematização do agora, as situações devem na maioria das vezes ser refletidas no momento em que acontecem, a menos que julgue o oposto, é importante reforçar a liberdade de expressão dentro dos limites do respeito e da empatia;
- V. Valorize todos os trabalhos envolvidos, o ator é apenas uma das peças envolvidas no trabalho com o teatro;
- VI. Cuidado com as palavras, é preciso cautela para não afastar o aluno, por isso, oriente com carinho e atenção. De preferência, mostre como gostaria que fosse feito;
- VII. Escolha bem o texto e aproveite cada palavrinha! Estamos falando de letramento, logo, letrar é o foco principal;
- VIII. Sem exageros! Espere do seu aluno aquilo que ele pode te dar, reforce ações positivas e jamais deprecie o trabalho dele;

- IX. Cuidado com os prazos! Imponha um ritmo legal à turma e auxilie-os em todos os detalhes;
- X. Divirtam-se! O Letramento-teatral é antes de tudo uma experiência de vida... divertir-se é o melhor caminho para aprender.

2.4 A produção do espetáculo

Encontrar soluções criativas para o teatro é uma tarefa bastante difícil, mas é também muito divertido! A melhor parte dessa história é que não precisa se desesperar em busca do melhor figurino e do cenário mais complexo... há peças terríveis revestidas de cetim e há obras primas cobertas de TNT³. No Letramento-teatral, a ênfase está no percurso!

Há quem diga que professor do infantil tem um quê de catador de materiais reciclados, bem, nem todos... só os inteligentes. Procurar criar e estimular a criatividade dos alunos na transformação do lixo em luxo é um bônus mais que especial e agrega muito valor ao processo. Adiante vão dicas valiosíssimas para a produção de um bom espetáculo na escola e podem ser adaptadas aos ciclos temporais, ou seja, algumas dicas serão úteis sempre, outras, mais úteis em ciclos longos e produções mais elaboradas à espetáculos rápidos e simples. Vejam só:



- I. As partes da produção podem e devem envolver a maior parte dos alunos, mas fica muito interessante quando o professor cria comissões ou grupinhos especializados em cada área da criação, assim, é possível cooperar em divisão de tarefas e delegar funções que poderão ser alternadas ao longo do ano e em montagens diferentes;
- II. Crie um cronograma bem específico para a arrecadação de materiais recicláveis que serão utilizados na construção do espetáculo, assim, é possível que tudo seja feito dentro dos prazos e com a contribuição de todos;
- III. Monte oficinas para a criação das peças, todos podem aprender em conjunto! Uma oficina de maquiagem pode reunir meninos e meninas em frente ao espelho e derrubar muitos tabus importantes. Depois, uma oficina de criação de figurino... calma, se você não for muito amigo das linhas e agulhas entenda que cortar, rasgar, colar, enfeitar, combinar peças de brechó também fazem parte desse momento, entretanto, se for do desejo do

³ TNT é um material semelhante ao tecido, mas obtido através de uma liga de fibras e um polímero geralmente polipropileno dispostas aleatoriamente e coladas por calor ou pressão. O termo é usado na indústria têxtil para se referir a tecidos, como feltro, que não são tecidos nem trabalhados como malhas.

- professor delegar a uma costureira ou alfaiate de sua confiança a tarefa de costurar as peças, pedir aos alunos que desenhem os croquis será muito divertido;
- IV. Menos é mais! Os cenários não precisam ser tão fantásticos quanto os cenários de filmes ou da Broadway, basta apenas “sugerir” os espaços. Logo, elementos cênicos básicos como mobília simples, tecidos, elementos de decoração já serão suficientes para criar os espaços. Tudo isso disposto diante de uma parede e você terá um palco. Para os mais ousados, é possível pintar belos painéis sobre grandes superfícies de tecido (nesse caso, é sugestão usar tecidos com metragens maiores como “gorgurinho” ou “algodão cru”, usar tintas acrílicas para colorir e criar fundos genéricos, assim terão utilidade em mais de um espetáculo, algo como uma floresta, um jardim, uma sala de casa etc.). também é possível montar um espetáculo sem cenografia, num estilo picadeiro, já pensou? É bem moderno... para teatro escolar, é claro;
 - V. Trabalhe bastante com o volume das vozes! Nada mais chato do que assistir um espetáculo em que os atores ficam trocando o microfone de mãos para falar, é bastante comum que as crianças consigam certa extensão vocal e possam apresentar-se sem esse incômodo. Isso, é claro, caso a escola não possua material profissional de áudio como microfones de lapela ou auriculares e sem fio;
 - VI. Em caso de música no espetáculo, a sugestão é que tudo esteja organizado e pronto para o ser utilizado, é um momento de grande tensão para as crianças quando há falhas na técnica, falhas que poderiam ser evitadas se:
 - VII. O professor não teimasse em guardar as canções no celular e demorasse de encontrá-las no momento da cena. É melhor pôr tudo numa mídia virgem ou numa pasta específica do computador;
 - VIII. O professor não fez testes de som ou de luz antes do espetáculo. Às vezes, as músicas são “deixas” importantes, se por algum motivo algo der errado, a criança certamente será exposta a um momento de tensão nada satisfatório. Teste tudo com antecedência;
 - IX. Procure criar um senso de responsabilidade em cada aluno, orientando-o a cuidar de seus pertences e se atentar aos horários e ao processo de decoração das falas e canções. Certifique-se disso, em caso de haver um aluno ainda indeciso, vale muito mais a pena que ele seja substituído para não comprometer o espetáculo, ele poderá retornar quando estiver pronto.
 - X. Por fim, não apresente uma única vez. Bons espetáculos merecem “repeteco”! Encontre mais oportunidades para apresentação e reapresentação dessas peças. Que tal leva-los à outras classes? A uma biblioteca pública? A um lar de idosos? Quantos aprendizados podem advir de relacionamentos mais estreitos com a comunidade!

Parece tudo muito complexo, mas acredite, vai ficando mais fácil com o tempo e os ganhos são enormes! Mãos à obra e “merda para todos!”⁴, mas não literalmente...

⁴ Essa tradição está relacionada ao período Elisabetano (1558-1625). À época, as pessoas iam de carruagem assistir às peças, portanto, havia muitos cavalos a sujar a porta do teatro com seus dejetos. Isso demonstrava o sucesso do espetáculo em cartaz. Logo, desejar “merda” seria como desejar sucesso, plateia lotada.



Em atu(ação)

É hora de explorar a sua capacidade de adaptação da metodologia do Letramento-Teatral para as necessidades de uma criança com necessidades especiais!

Sabe-se que há uma gama de especificidades quando se trata de um aluno especial, não há nenhuma possibilidade de criar um mecanismo que valha para todos os alunos, porém, adiante, vão algumas dicas para que você acerte na escolha da atividade e dos procedimentos, veja só:

1. *Acesse a ficha do aluno com necessidades especiais nos arquivos da escola e leia com muita atenção o laudo que atesta suas condições físicas e psicológicas para escolher a melhor abordagem, caso você não compreenda as informações ou necessite de maiores explicações, consulte a psicóloga escolar, a psicopedagoga responsável e, é claro, consulte também a família do aluno;*
2. *O Letramento-teatral parte também das expectativas! Assim, descubra mais sobre o seu aluno: o que ele consegue fazer? O que não consegue? E mais, o que ele não consegue fazer e o professor PRECISA DESENVOLVER? Como desenvolver? Tais respostas contribuirão para a escolha da melhor estratégia;*
3. *Para a escolha do texto, qual conteúdo do PDI (Plano de Desenvolvimento Individual) você irá contemplar? Há alguma estratégia de escrita? Qual?*
4. *Cuidado para não minimizar as possibilidades do aluno e nem as superestimar... o foco está na autonomia. Fazer por ele não é inclusão, criar um ambiente propício e adequado para que ele possa fazer por si ou solicitar apoio quando lhe for conveniente é a melhor abordagem!*
5. *Reduza o tempo das atividades ou divida a atividade em vários momentos com intervalos. Ah, e não se esqueça da ludicidade...*

Tudo é possível quando há estudo sério e comprometimento. À luta!
Vamos criar um projeto de teatro para os alunos com necessidades especiais?



Aprimore-se

Um GRAAAAAANNNDE e MARAVILH0000000SO espetáculo: o ciclo expandido

Aqui, finalmente, temos um exemplo de trabalho para o ciclo expandido. Quantas ações importantes! Como é intenso este processo! É importantíssimo que cada passo do projeto seja executado em sua completude e tentando abarcar o máximo das experiências e ações. Experiência é a palavra-chave deste tópico porque, no que tange aos aspectos gramaticais, tão importante quanto compreender as regras é aplicá-las num contexto real (ou mimético) de utilização da linguagem.

PLANO MODELO DE AULAS

Instituição: XXXXX

Professor: XXXX

Disciplina (área de conhecimento): Língua Portuguesa

ANO: 5º ANO/ ENSINO FUNDAMENTAL 1

Conteúdo/ Objeto do conhecimento: Diferenciar palavras primitivas, derivadas (prefixação e sufixação) e compostas.

Objetivo geral/ Prática de Linguagem: Análise linguística e semiótica.

Objetivos específicos:

- ⇒ Refletir acerca da arbitrariedade ou não da língua no processo de criação das palavras;
- ⇒ Conhecer as formas disponíveis na LP para se criar palavras;
- ⇒ Reconhecer os significados dos prefixos e sufixos da língua portuguesa no processo de derivação.

Objetivos específicos na BNCC: EF05LP08

Tempo: Ciclo Expandido (Proposta de montagem de esquete) – Expectativa de tempo: 10 aulas.

Sensibilização:

- ⇒ (Aula 1) Jogo de falar: Qual é o objeto?
- ⇒ (Aula 3) Jogo de falar: Leitura branca.
- ⇒ (Aula 6) Jogo de Criar e Imaginar: Jogo dos versos.

Texto: Marcelo, marmelo, martelo (Ruth Rocha)

Ação Pedagógica: Como se trata de um ciclo expandido, as ações pedagógicas estarão entremeadas de outras demandas próprias do estudo da linguagem (Aulas expositivas, atividades em sala, leituras e tarefas de casa), tudo organizado em períodos mais ou menos definidos de acordo com o regime de aulas na semana.

Período 1 (Aulas 1 e 2):

- ⇒ Iniciar a sensibilização da turma com o Jogo de falar “Qual é o objeto?”, o qual requer apenas uma caixa com objetos estranhos e diversos: uma chave de fenda, um abridor de garrafas, uma colher, um tubo de linha, uma tesoura, um celular, um vidro de perfume etc. O objetivo do jogo é refletir a relação entre a palavra e a funcionalidade do objeto. Neste jogo um aluno fica de costas enquanto outro sorteia um objeto da caixa, o aluno de costas deverá acertar o nome do objeto com as pistas dadas pelo colega, pastas essas pouco elucidativas como “é de metal...” ou “usa-se na cozinha...”;
- ⇒ Na sequência o professor deverá apresentar as questões teóricas referentes à aula, de preferência utilizando os elementos do jogo para exemplificar.

Período 2 (Aulas 3, 4 e 5)

- ⇒ Neste segundo período, porém, a sensibilização não ocorrerá no início, mas no fim da aula. Neste período o professor deverá iniciar a leitura do texto “Marcelo, marmelo, martelo” de Ruth Rocha, pela leitura, os demais tópicos da análise linguístico-semiótica poderão ser percorridos. Após isso, o professor apresentará uma versão do texto em forma de texto dramático e então declarar a intenção de montar a esquete do texto para apresentação na escola. Por fim, a classe será convidada a fazer a leitura branca do texto, tentando desde já acrescentar emoção à leitura, imaginando as reações dos personagens.

Período 3 (Aulas 6 e 7)

- ⇒ Neste período e doravante, crê-se que o professor já tenha concluído o conteúdo formal que motivou esta atividade, logo, faz-se necessário um certo “jogo de cintura” para dividir o período em partes: a primeira parte relacionada às atividades comuns de sala e o prosseguimento dos tópicos teóricos e uma segunda parte voltada apenas para o desenvolvimento do esquete.
- ⇒ Quando do momento de trabalho para o teatro, o professor deverá dividir tarefas para que tudo corra como planejado, dividindo os alunos em atores, cenógrafos, figurinistas e maquiadores, pois todos deverão trabalhar para que o evento seja bonito e marcante!

Período 4 (Aulas 8 e 9)

- ⇒ Período exclusivo para ensaios, os quais poderão ser reforçados em contraturnos ou mesmo em casa. Como sugestão, o professor poderá gravar a leitura branca compassada e disponibilizar o áudio em mídia digital adequada, isso ajudará o aluno a “decorar” suas falas e o ensaio será mais produtivo.

Período 5 (Aula 10)

- ⇒ Todo o trabalho estará pronto! Nessa aula o esquete será apresentado com a participação de toda a turma.

Administração do Emocional:

- ⇒ Caso seja esta a primeira apresentação da turma, convém que o público seja de uma outra turma da escola e de alguns funcionários, depois, em outras apresentações, poderá o professor abrir o espetáculo para mais pessoas;
- ⇒ É imprescindível delimitar todos os objetivos das aulas e delegar funções para que não haja aluno algum sem atividade, isso evitará ocorrências de indisciplina e desinteresse;
- ⇒ Convém iniciar a aula chamando a atenção para a importância de cada indivíduo dentro do teatro e sobre o respeito que devem ter uns com os outros, conversas assim podem prevenir eventos de bullying ou traumas psicológicos acerca de possíveis erros ou deslizes em cena.
- ⇒ Talvez seja importante criar momentos de inspiração para os alunos que atuam nos bastidores da cena, assim, poderá o professor criar uma atmosfera de igualdade em importância e participação da turma.

Recursos:

1. Materiais impressos (textos e atividades);
2. Lousa e pincel atômico ou giz;
3. Materiais específicos para os jogos teatrais;
4. Peças de vestuário e utensílios de costura e artesanato (para os figurinistas);
5. Materiais de pintura e/ou elementos cênicos;
6. Elementos diversos para a apresentação.

O próprio processo de adaptação dos textos e histórias para o texto dramático proporciona a reflexão a respeito de tais questões, neste plano de aulas para o quinto ano EFI, vê-se que a proposta sugere ao professor entregar pronta a adaptação dramática da história, diferente da proposta apresentada para o quarto ano, anterior a esta, que pede a criação do diálogo prosopopeico, ou seja, a adaptação também é obra do aluno.

Por fim, as demais atribuições da montagem, como a maquiagem, os figurinos e cenários, também corroboram com a reflexão do texto, tudo é também linguagem e passa uma ideia, uma história! Como sugestão, o professor pode fazer oficinas de criação para cada uma dessas atividades.

Fica assim claro, que a gramática é ingrediente indispensável para a tônica do trabalho em letramento-teatral e com ela a escolha do texto faz-se essencial. Nas linhas que se seguem, falaremos um pouco mais sobre a escolha do repertório textual.



Eu Recomendo

Arthur e o Infinito: Um olhar sobre o Autismo (2012)

Arthur e o Infinito é um média-metragem dirigido por Julia Rufino. O filme conta a história de Arthur, um menino de 6 anos e sua família. Com um ano e meio de idade, Arthur começou a apresentar um comportamento diferente das outras crianças, que por fim levou-o ao diagnóstico de autismo. A trama perpassa os vários momentos de aceitação, estudo e dramas vividos pelo garoto e por sua família no processo de garantir o pleno desenvolvimento do pequeno e especial Arthur.



Companhia de teatro discute inclusão social nas escolas do Rio de Janeiro (Jornal Futura - 21/07/2014) O dramaturgo Augusto Boal, criador do Teatro do Oprimido, dizia que o tablado é um dos melhores lugares para acontecer o confronto de ideias. É onde o ator é um cidadão ou o cidadão é um ator que pode alterar o curso da história. A companhia teatral "Inclusos e Sisos" leva esse pensamento à prática: os atores percorrem escolas discutindo a inclusão social. Reportagem de Paula Schitine.

Disponível em.: <https://www.youtube.com/watch?v=G9228MVW-rk> (Acesso em 02/09/2021)



Canal Futura ✓
590 mil subscribers

SUBSCREVER



A cena:

Prática em *construção*

Então sonhei um sonho tão bom: sonhei assim: na vida nós somos artistas de uma peça de teatro absurdo escrita por um Deus absurdo. Nós somos todos os participantes desse teatro: na verdade nunca morreremos quando acontece a morte. Só morremos como artistas. Isso seria a eternidade?"

(LISPECTOR, Clarice , 1978, p. 158)



1. Que história é essa, professor?

Saber escolher bem uma história é fundamental para o sucesso de uma aula, instigar, fomentar ideias e transformar a leitura num hábito seja talvez o maior desafio dos professores de linguagens desde sempre... principalmente no que se refere à sala de aula dos novos tempos, repleta de “*tecnologices*” – algumas muito boas, produtivas até – que não raramente distraem os jovens sem que se lhes forme o gosto pela leitura literária.

É-nos ensinado desde sempre que a maior vicissitude de uma criança é a de ser curioso, os adultos se divertem com as “*fofurices*” da ingenuidade infantil, porém, estremecem quando chega a fase dos “porquês”; cansam-se de responder tantas perguntas e rebatem com o famoso: Porquê sim!

Triste engano este de considerar má a curiosidade, claro que não gostamos nada de xeretas, bicões intrometidos... o valor está na curiosidade sadia, aquela que David Ausubel *apud* PELIZZARI, Adriana *et all* (2002) denominou “desejo de aprender”, é muito importante instigar, fazer coçarem as cabecinhas a procura de uma resposta que para nós é tão simples, mas que de certa forma descortina um universo inteiro numa mente pueril. Nada melhor do que histórias para solucionar tal intento!

A curiosidade deve estar sempre aliada à reflexão, essa questão é basilar para o planeamento de uma aula, pois norteia a escolha dos temas, dos títulos a serem lidos e da finalização prática pós-leitura, como afirma Ezequiel Theodoro da Silva (1981, p. 79):

A leitura crítica é condição para a educação libertadora, é condição para a verdadeira ação cultural que deve ser implementada nas escolas. A explicação desse tipo de leitura, que está longe de ser mecânica (isto é, não geradora de novos significados), será feita através da caracterização do conjunto de exigências com o qual o leitor crítico se defronta, ou seja, CONSTATAR, COTEJAR e TRANSFORMAR.

Vale ressaltar, com efeito, que a reflexão de uma leitura pode ser feita de diversas maneiras e a maior parte dela se constitui a partir do simples contato com a leitura aliada a liberdade do comentário despretensioso, absolvido de

juulgamentos, é uma construção mental que pode ser aproveitada, na maioria das vezes, pelo professor para uma atividade didática;

Retomamos o excerto acima: “na maioria das vezes” sim, por que o docente deve fugir do texto como pretexto, principal dificuldade encontrada no agir pedagógico: nem sempre o texto lido em sala deve ter um fim pedagógico (provas, trabalhos, resumos, resenhas...) ler apenas, basta! E a leitura é diária! Todos os dias se deve separar um tempinho, algo entre dez e quinze minutos para a “hora da história”, nada há de mais bonito e saudável numa classe escolar. Mesmo assim, não estamos aqui apedrejando o uso do texto como ferramenta pedagógica, ao contrário, pretende-se apenas relativizar tais usos, conferindo ao texto um lugar de maior destaque dentro da escola.

O Manual do Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil⁵, publicado pela Câmara Brasileira do Livro em 1988, apresenta uma sequência de classificações de leitores de acordo com os estágios evolutivos da leitura.

É de fato uma classificação interessante e até bem útil se aliada a classificação proposta por Betty Coelho (1986) que apresenta uma separação etária seguida de um quadro de possíveis interesses, como está exposto a seguir:

Classificação SNLIJ ⁶	Classificação COELHO, Betty	Guia de possíveis interesses
Pré-leitor	Fase Pré-mágica – até 3 anos	Histórias de Bichinhos, brinquedos, objetos, seres da natureza (humanizados), histórias de crianças.
Iniciante	Fase mágica – 3 a 6 anos	Histórias de repetição e acumulativas (Dona Baratinha, A formiguinha e a neve...), Histórias de fadas, Histórias de crianças, animais e encantamento.
Em processo	7 anos	Aventuras no ambiente próximo: família, comunidade, Histórias de fadas.

⁵ YUNES, Eliana; GÓES, Lúcia P. de S; COELHO, Nelly N; AGUIAR, Vera T. *apud* RESENDE, Vania Maria. p. 19.

⁶ Seminário Nacional de Literatura Infantil e Juvenil.

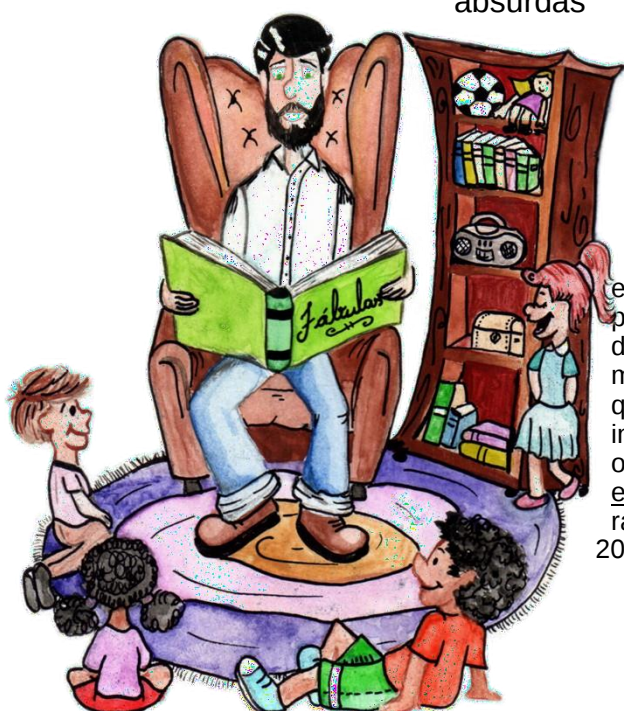
Classificação SNLIJ	Classificação COELHO, Betty	Guia de possíveis interesses
Fluente	9 anos	Histórias de fadas com enredos mais elaborados, histórias humorísticas.
Crítico	10 anos em diante	Aventuras, narrativas de viagens, explorações, invenções, fábulas, mitos e lendas.

Esta tabela oferece uma classificação simples que pode auxiliar o professor na escolha do material, salientando sempre que não existe também um momento de ruptura total com a fase anterior ao que se provavelmente classifica uma criança, o professor não pode se fixar apenas nestas observações etárias, deve sempre consultar também a sua sensibilidade para entender em que nível está sua turma.

Betty Coelho (1986), em seu material, aponta algo interessante ao escolher a fase crítica da leitura infantil para apresentá-las ao maravilhoso mundo do folclore em geral, neste ponto em especial surge-nos uma pequena discordância principalmente em tempos de luta em prol da “brasilidade”.

A este pormenor arrolamos Ana Maria Machado (2002), que incentiva a leitura dos clássicos universais desde cedo, para ela apresentar às crianças os fantásticos mundos de C. S. Lewis, Sir Arthur Conan Doyle, Alexandre Dumas, Miguel de Cervantes, Clássicos da Mitologia Grega e é claro, brasileira, etc., é altamente recomendável. Nem é preciso dizer que tais ideias parecem

absurdas principalmente para àqueles mais conservadores. Todavia, Machado (2002) simplifica todo um farnel de discussões ao afirmar:



Clássico não é livro antigo e fora de moda. É livro eterno que não sai de moda; tentar criar gosto pela leitura, nos outros, por meio de um sistema de forçar a ler só para fazer prova? É uma maneira infalível de inocular o horror a livro em qualquer um; O primeiro contato com o clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal mesmo é uma adaptação bem-feita e atraente. Entendido isso, há muitas e variadas razões para que esse contato se faça. (MACHADO, 2002, p.15, *grifo nosso*)

Tudo se resume em adequação, para que não privemos nossos alunos do maravilhoso legado que a história da humanidade nos deixou, tal como sagazmente fez o grande Monteiro Lobato que a tudo, ou quase tudo, adequou à linguagem infantil. Um número enorme de clássicos que ele considerava úteis e atraentes aos pequenos, o belíssimo mundo do Folclore Brasileiro com seus mitos e causos, um patrimônio gigantesco ali bem pertinho que sem uso se torna, como a própria autora acrescenta: um “Monumento à inutilidade”.

2.1 Crianças, criancinhas e “crianças”!

Começemos pelas criancinhas... A idade pré-escolar é de fato a maior vítima do desamparo educacional brasileiro, a eles é necessária uma atenção diferenciada que possibilite seu progresso intelectual do ponto de vista pedagógico e também assistencial. Pedro Demo⁷, catedrático da Universidade de Brasília, em palestra durante a Jornada Pedagógica 2011 em Caetité/ BA relatou sua preocupação com a educação infantil quando afirmou que para o Brasil qualquer “garagem enfeitada de papeis” é uma sala de educação infantil. Já em 1995, Demo propunha estas discussões ao afirmar:

Em primeiro lugar, será fundamental aprimorar a noção unificada de educação infantil, substituindo a dicotomia entre creche e pré-escola. Esta nomenclatura bipartida provavelmente irá continuar, mas deveria expressar apenas divisão etária, não tipos de proposta. Como proposta, deve assumir a feição consolidada de educação infantil, integral e integrada, conjugando harmoniosamente todos os componentes fundamentais, principalmente educação e assistência. Assim como será mau aproveitamento do tempo e postura duvidosa dos profissionais permanecer no mero “cuidado” da criança, realizando uma proposta apenas assistencial, será esnobismo desprezar a assistência em ofertas que pretenderiam ser somente pedagógicas. (DEMO, 1995, p.33)

A contação de histórias é, portanto, um caminho muito importante para esta faixa etária, para eles as histórias que se aproximem de seu convívio familiar ganham bastante atenção pois existe um reconhecimento de si ante o personagem... é importante acrescentar que as historinhas precisam ter ritmo, repetições, devem estar associadas a cantigas e versinhos, bons exemplos de histórias como estas são *A formiguinha e a Neve* e *Dona Baratinha, A Velha a*

⁷In: <http://silvanosilvass.blogspot.com.br/2011/02/pedro-demo-faz-abertura-da-jornada.html>
acesso em: 04/11/2015

a *Fiar, Rato, meu querido rato*, as poesias de “O Jardim dos Versos” que se aproximam do imaginário infantil, “Dorme Menino, dorme!” que discute a relação das crianças com a hora de dormir... e outros tantos exemplos que a cargo do professor se farão interessantíssimos aos pequenos.

A partir dos 4 anos, mais ou menos, é que se começa o “conte outra vez!”, e é saudável contá-las de novo, a primeira vez que se ouve a história a criança se vê num ambiente diferente e desconhecido, quando da segunda vez, já em terreno conhecido, pode-se divertir-se gostosamente com o clímax e finais notáveis. Também se interessam pelas repetições, porém se é desejo do professor aliar a história ao ensino, historinhas de conjuntos, estudos de animais e alimentos, as plantas e os números são bem interessantes, elas possuem o tal ritmo de que tanto falamos e o enredo é bem simplificado. Bom exemplo disto é o livro “Só um minutinho: um livro de esperteza num livro de contar”.

Já a partir dos 7 anos o nível das histórias se intensifica, enredos mais elaborados e com mais personagens podem realmente chamar a atenção e promover momentos deliciosos com as crianças, histórias de aventuras e perigos, contos de fadas mais elaborados são uma ótima pedida para eles. Sobre os contos de fadas em especial, há uma espécie de recusa dos professores por acreditarem que eles “não se interessam mais”, “já são grandes...”, sobre isso afirma Bruno Bettelheim:

Só escutando repetidamente um conto de fadas e sendo dado tempo e oportunidade para demorar-se nele uma criança é capaz de aproveitar integralmente o que a história tem a lhe oferecer com respeito a compreensão de si mesma e de sua experiência de mundo. [...] redirecionar os pensamentos da criança prematuramente para uma segunda história pode matar o impacto da primeira, enquanto fazê-lo numa época posterior pode aumentá-lo. (BETTELHEIN *apud* COELHO, 1986, p. 55)

Como exemplos destes temas estão: *O Reizinho Mandão, Onde tem fada, tem Bruxa, O Fantástico Mistério de Feiurinha...* mais adiante alguns clássicos da famosa Série Vagalume como *A Serra dos dois Meninos* (que certa feita foi ponto de partida para um extenso estudo sobre a natureza, os povos sertanejos, a cultura rural e ainda um trabalhinho de casa com o tema “O que eu faria se me perdesse”, que culminou na leitura de uma adaptação do clássico “Robinson Crusoe”) e *A Ilha Perdida*, também *Reinações de Narizinho, Caçadas de Pedrinho, A Montanha Encantada...*

Nessa fase, deve o aluno (caracterizando-se aqui o ouvinte escolar) estar suficientemente motivado para as longas narrativas, para os livros de conteúdo mais extenso. O professor orientará as leituras, contará os episódios mais interessantes, oferecendo-lhe oportunidade de conhecer o gênero mais fascinante das viagens e aventuras, que correspondem aos anseios naturais do pré-adolescente inquieto e sonhador.

A rigor, não podemos delimitar a idade em que as crianças e os adolescentes perdem o interesse por determinados temas. Os esquemas têm valor relativo. As histórias indicadas para uma classe podem, perfeitamente, ser adaptadas para a classe seguinte. (COELHO, 1986, p.19)

Lembremo-nos sempre que a palavra de ordem para a contação de histórias é ADEQUAÇÃO, daí a necessidade de se estar sensível ao estágio em que os alunos se encontram, dessa forma estabelecemos um formato plástico para todas as histórias, pois quase todas podem ser adequadas a faixas etárias diferentes, tudo isso deve passar pelos critérios de seleção que respeitem a história em si para que seja ela transmitida a outrem; bons textos, conteúdos válidos para aquele público e que de certa forma falem de seu cotidiano...

Afinal, é inconcebível que alguém se ache no direito de deturpar, obliterar, vandalizar uma história sob a máscara da “adequação”, um bom exemplo disto certa feita ocorreu a uma senhora que por algum motivo “cismou” de obrigar a pobre *Galinha Ruiva* a dividir o bolo de fubá, que fizera com grande sacrifício e sem ajuda, aos preguiçosos Gato, Cachorro e Pato! Seu argumento, afirmava ela, é que a Galinha não podia dar um atestado demesquinhez... [...] [...] [...] sobre este assunto:

NÃO FALAREMOS MAIS!





Em atu(ação)

É hora de pensar num projeto de leitura!

Esse projeto poderá ser associado às tradicionais sacolinhas de leitura, rodas de leitura, tapetinhos de histórias ou baús de livros... e deve ter um período médio de duração: entre 3 dias a uma semana.

Para cumprir sua tarefa, você pode remontar o quadro a seguir em seu caderno de planejamento. Observe:

PROJETO DE LEITURA	
Identificação Da Literatura Infantil	
Título da obra:	
Autor(a):	
Editora:	
Faixa etária da obra escolhida:	
Páginas:	
OBJETIVO GERAL:	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS: (todos relacionados ao objetivo geral e com as atividades propostas por você)	
1.	
2.	
3.	
EIXO NORTEADOR:	
Linguagem Oral e Escrita	
EXPLORAÇÃO DA LITERATURA	
(Escreva em tópicos o passo a passo, a sequência das etapas a serem trabalhadas com a literatura escolhida)	

1-Quais questionamentos serão realizados partindo da leitura da capa do livro
(São questionamentos pertinentes à capa do livro, com intuito de despertar na criança, o gosto pela literatura e a curiosidade selecionada por você);
2-Como será realizada a leitura da história?
(a história será contada por meio de algum recurso? Aqui você deve apresentar a estratégia teatral para a contação da história pelo professor ou pelos alunos.)
3-Como despertará na criança, a história?
(terá alguma dinâmica? Uma forma diferente no ato da contação da história? Questionamentos que aguçam a curiosidade? ... o que antecede a leitura)
4-Como explorará a literatura com as crianças?
(além do item 3, como a história será explorada por você, terá alguma ênfase especial para este momento? ... no ato da leitura)
5-Quais as intervenções serão realizadas sobre a história?
(quais questionamentos que fará após a leitura da história)
6-O que deseja ensinar por meio da história?
(qual a intenção sobre a história pretende ensinar, destacar...)
7-O que será realizado após a exploração da literatura?
(como os alunos serão organizados antecedendo as atividades)
8-Como as atividades serão desenvolvidas pelas crianças?
(citar como as crianças realizarão as atividades serão organizadas, local onde serão realizadas... no tópico Atividades Desenvolvidas fará a explicação de cada atividade)
9- Como será a exposição da atividade coletiva na sala de aula?
(explique como a atividade coletiva será registrada? Será por meio de: mural, cartaz, painel, varal, dramatização ...)
ATIVIDADES DESENVOLVIDAS
Atividade coletiva:
Aqui você deve pensar num jogo teatral, numa atividade de interpretação e dramatização que seja coletiva e relacionada ao texto.
Atividade lúdica:
Apenas uma atividade que possibilita à criança a socialização de forma lúdica sobre a temática abordada na história, porém com intencionalidade, por exemplo, músicas, danças, jogos de imaginações, faz de conta, uma dobradura ou máscara de um personagem para cada aluno...
MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Para este projeto é imprescindível que você escolha bem a leitura que será feita e crie um jogo interpretativo baseado nela. Seja criativo, abuse das fantasias, máscaras, maquiagens, objetos cênicos e produza uma avaliação dupla: uma atividade escrita e outra cuja expectativa seja qualitativa.



Eu Recomendo



O livro *O Circo Caraminholas do Sul e o Mistério do Livro Secreto*, da atriz, palhaça e contadora de histórias Tally Gaia. O livro é um texto de teatro infantil, que aborda questões ambientais e possibilita muitas outras pertinentes discussões. Ilustrado por Jaine Alecrim e publicado pela editora Oxente, a história apresenta diversas situações vividas num circo por suas personagens em busca da descoberta do grande mistério que Malvina Mequetrefe guarda num livro secreto. Uma história protagonizada por personagens meninas/mulheres negras, cheia de emoções, de solidariedade, e lutas pela proteção do meio ambiente.



A Editora Lê publica a coleção *Teatro Infantil*, escrita pelo professor, escritor e dramaturgo Ângelo Machado, a coleção conta com 4 peças de teatro escritas inteiramente para crianças. Ângelo Machado é autor de mais de 37 títulos infantis e recebeu, entre outros, os Prêmios Jabuti e Adolfo Aisen de literatura infantil e SESC-SATED de melhor texto de teatro infantil em 1996. É também ambientalista, cientista e membro das Academia Brasileira de Ciências e da Academia Mineira de Letras.



Testando...

Jogos teatrais

0

saber docente, de natureza eminentemente ética, constitui-se numa prática cujo eixo constitutivo é a humanidade dos atores num dinâmico e complexo processo de interação.

(DIESEL [et al], 2017, p.11)



1. Jogos teatrais: um *play* na diversão!

Nem este manual, nem mesmo todo o complexo de estudos que o precedeu têm a intenção de aprofundar-se na questão dos Jogos Teatrais, isso porque podemos considerar os jogos uma parte dos estudos para a metodologia do Letramento-teatral e, ao mesmo tempo, um mundo gigante em si mesmo, porque não há teatro sem jogos de teatralização. A consciência corporal, espacial, intelectual que os Jogos proporcionam é tão grande que estudá-los é também compreender a sua natureza autônoma, como se a parte, fosse também um TODO pela sua importância, mesmo sendo parte... deu para entender? Jogos são importantíssimos para a educação e os Jogos Teatrais constroem a aprendizagem através da experiência. Simplificando: Jogos Teatrais transformam o processo, o contínuo da brincadeira, em experiência, ela, por sua vez, significativa, se transforma em conhecimento!

A ideia parece complexa... mas, é bastante simples como uma receita de bolo caseiro... experiência significativa + mediação adequada = conhecimento significativo! Nossa principal referência no uso de Jogos Teatrais, Viola Spolin, autora e diretora de teatro, fundadora do teatro improvisacional, defendia que qualquer pessoa era capaz de atuar em um palco. Talvez o grande segredo do professor seja uma espécie de “visão de raio-X” que atravessa as grossas paredes do comodismo e descrédito para enxergar o potencial de cada aluno: o segredo é acreditar!

Assim sendo, entenda-se que arte é uma experiência e o Jogo é um veículo que caminha em várias direções, mas sempre, ou quase sempre, tem dois destinos específicos: A materialidade (experiência significativa) e a consciência (reflexão e conhecimento), o papel do professor é dirigir esse veículo de um polo a outro.

2. Como são os jogos ?

Foco, instruções e avaliação: segundo Spolin(2008), esses são os elementos primordiais da ação com os jogos teatrais, que, para nós aqui, estarão relacionados ao tal processo de “sensibilização” já proposto no Plano de Aula. Spolin (2012)⁹, deixa claro que o foco é a atenção que o ator\aluno precisa dispensar no momento do jogo, repare que o professor, em uma situação como essa, medeia inclusive a atenção do aluno que precisa estar direcionada, seja num objeto, seja numa pessoa ou na situação para o bom desenrolar do jogo.

O foco é uma coisa difícil de conseguir, pois demanda autoconhecimento e disciplina. Veja, numa situação real, em sala, o professor certamente se deparará com risinhos, saídas, a necessidade de observar o colega... tudo isso somado pode prejudicar sensivelmente a proposta. Mas, não nos desesperemos! Lembrem-se que o teatro é uma construção e a mediação correta, como rodas de conversa após o jogo, podem resolver essas questões com o passar do tempo.

O jogo teatral – notadamente o foco no processo – servirá para criar parceiros, fortalecer vínculos, criar coesão entre os participantes, jogo é socialização! Na prática, é preciso que haja organização, por isso Spolin (2012) vai chamar atenção para as instruções, são os acordos feitos entre professor e aluno justamente para que o aluno mantenha o foco. Serve para criar um aluno integrado, organizado, que aproveita a totalidade da atividade. Observe que as regras fazem parte da vida social dos indivíduos, seguir as regras e perceber como são importantes para não avacalhar a convivência entre os pares é seguramente um ótimo “gancho” para avaliar a vida enquanto cidadão, você não acha?

Por fim, a avaliação, que é sempre conjunta! Aqui uma ressalva importantíssima: **AVALIAR NÃO É JULGAR**. O professor precisa tomar cuidado para que a roda de conversa, reflexão do Jogo Teatral não vire uma “caça às bruxas” daquele coleguinha danadinho que, provavelmente, deu trabalho e dificultou o projeto de brincadeira. A proposta é refletir em conjunto para avaliar o jogo, a participação, a evolução, a intenção e os aprendizados que possivelmente seriam levados para a vida do aluno.

⁹Ver “O Fichário de Viola Spolin”

A autoavaliação também é um recurso bastante interessante, já que perceber-se como sujeito das atividades é também objetivo dos jogos. Diante disso, há que se preservar o uso de um vocabulário incompatível, como “o melhor” ou “o pior”, mais interessante trocar por “como posso fazer isso ser mais produtivo?”. Viu só a diferença de abordagem? Assim, fica claro que o professor não encerra o aluno em um rótulo (a parte difícil é quando o tal aluno aceita o rótulo) e dá a ele condições de sair desse para um outro “lugar”; ele, o aluno, realmente tem condições de ser um alguém mais produtivo!

2.1 Que tipos de jogos nós temos?

Há uma série imensa de autores que decodificam, conceituam, sugerem e apresentam os Jogos Teatrais em toda a sua complexa rede de aplicações, entre eles a papisa dos jogos de teatralização, Viola Spolin. Porém, como já fora bastante explicitado pelas páginas deste manual, o jogo não é o foco central do trabalho, mas por eles passaremos. Diante disso, convém que você, professor se aprofunde um pouco mais nesse assunto para obter maior abrangência conceitual.

Por ora, e pensando na praticidade do trabalho com os Jogos Teatrais para a metodologia do Letramento-teatral é que vamos expor a seguir os tipos de jogos mais comuns para essas atividades. Os nomes e conceitos não estão embasado em nenhum teórico em particular, mas contribuem para acentuar o tal “Foco” do jogo, tão defendido e importante para professor e aluno, como afirma Spolin (2008) e descrito no tópico anterior.

Dessarte, entre os principais tipos de Jogos Teatrais para a sensibilização estão:



- ⇒ Jogos de criar e imaginar;
- ⇒ Jogos de falar;
- ⇒ Jogos de mexer-se;
- ⇒ Jogos de interpretar;
- ⇒ Jogos de socializar.

Vamos conhecer alguns desses jogos? Adiante vão também exemplos de joguinhos para cada tipo e propostas de questões para socialização na hora da avaliação.

2.1.1 Jogos de criar e imaginar

Esses são os jogos que mais têm “cara de teatro”, já que costumeiramente brincam com o “faz-de-conta” e a capacidade imaginativa dos alunos\atores. Os objetivos desses jogos em particular estão relacionados ao desenvolvimento do lúdico, das capacidades interpretativas, da imaginação, da criatividade, dos relacionamentos interpessoais e gostos individuais, do trato com a timidez, etc.

São ótimos como pretexto para a produção textual em turmas de língua portuguesa.

A seguir, algumas sugestões de jogos.

Cubos Mágicos		Número de participantes:	Joga-se em duplas.
Tipo de Jogo:	Jogos de criar e imaginar.		
Objetivos:	Criar diálogos e sequências cênicas.		
Aplicação:	Cada dupla jogará uma vez. Os parceiros sortearão juntos um único local usando o cubo de locais, depois, um de cada vez, sortearão seus personagens e motivações. A dupla terá um minuto para combinarem uma “cena” que deverá acontecer em, no máximo, um minuto.		
Recursos:	Três cubos grandes de papelão contendo os estímulos para o jogo: um com lugares, outro com personagens diferentes e um terceiro com motivações (expressões ou sentimentos).		
Avaliação	A história criada teve “sentido”? Os atores foram fieis aos seus personagens até o fim? Foi uma história criativa?		

Jogo Dos Versos		Número de participantes:	Sem número especificado.
Tipo de Jogo:	Jogos de criar e imaginar.		
Objetivos:	Criar consciência musical e capacidade criativa de compor rimas.		
Aplicação:	Colocar os participantes em círculo para que todos possam se ver. Iniciar o jogo ensinando um refrão que deverá ser acompanhado por palmas enquanto cantado. Exemplo: "Meu limão, meu limoeiro Meu pé de jacarandá Uma vez, tindolelê, Outra vez, tindololá!" Nas primeiras vezes, com auxílio de um cartaz na parede ou mesmo escolhendo alunos antes da aula para contribuir com a brincadeira, o professor deverá fazer-se ouvir rimas de domínio público para então convidar os demais alunos a criarem rimas no centro da roda. Como por exemplo. "Lá em cima daquela serra Tem um pé de jamelão Por saudades da morena Sinto doer meu coração!" Ou "sete e sete são catorze Com mais sete, vinte e um Tenho sete pretendentes Não me casei com nenhum!" Uma ótima variação desta brincadeira é utilizar imagens impressas como referência para se criar a rima; assim, o jovem a cantar precisa criar um versinho sobre a imagem apresentada, ou ainda sobre um colega, professor, etc.		
Recursos:	Três ou quatro rimas de domínio público para "aquecer" o jogo.		
Avaliação	Os versejadores foram ligeiros? Conseguimos manter o ritmo? Fizemos rimas criativas?		

Jogo Do "Troca"		Número de participantes:	3 participantes
Tipo de Jogo:	Jogos de criar e imaginar.		
Objetivos:	Velocidade de resposta a situações de stress, criatividade e expressividade.		
Aplicação:	É um triângulo interpretativo: há três pessoas no palco, duas na cena e uma moderadora. Esses papéis se revezam constantemente. Durante o jogo, um dos integrantes do trio terá o direito de "troca", que nada mais é do que o poder de obrigar o colega a trocar a última fala por ele proferida por algo completamente diferente. Esse poder somente poderá ser usado por três vezes em um minuto de diálogo entre os dois outros participantes numa cena inventada. Após isso, o dono do "troca", deverá tocar com sua mão a cabeça de seu sucessor e continuar a brincadeira de onde parou o seu colega que fará o mesmo. Cada trio levará até três minutos em cada rodada. Como variação do jogo, o professor será sempre o dono do "troca" e o jogo terá duplas em vez de trios; Como segunda variação do jogo, as duplas terão um par de falas prévias (igual para todas as duplas) que será distorcida ao longo das jogadas. Isso servirá para ajudar os alunos que não conseguem criar de imediato uma cena.		
Recursos:	Não requer recursos.		
Avaliação	1. O jogo se desenrolou sem interrupções? 2. Como lidamos com os imprevistos, risadas e turbulências? 3. Nós conseguimos resolver as trocas de falas com rapidez?		

2.1.2 Jogos de falar

Os jogos de falar desenvolvem a expressividade, tendem a diminuir a timidez e imputam certo grau de fluidez na oratória que vão acompanhar o aluno/ator por toda a vida! Trabalhar a voz, as nuances, os tons e a expressão municiam o jovem com a habilidade de expor ideias e argumentar.

No que se refere ao texto escrito, a leitura em voz alta, a predeterminação da intensidade da leitura em função da pontuação e contexto são as principais marcas desses jogos.

Jogo da "escada"		Número de participantes:	Sem número especificado.
Tipo de Jogo:	Jogo de falar		
Objetivos:	Alterar as nuances da voz (tom, volume, melismas, etc)		
Aplicação:	É um híbrido entre cantar e falar. Consiste em repetir em conjunto um período que faz menção ao ato de subir em escadas. Observe: "Sobe a escada com muito cuidado, olha pra cima 'pra' não escorregar... e, ao descer, tome o mesmo cuidado, senão levará (leva) um tombo de 'bunda no chão' !" À medida em que o período é dito (ou cantado) chamando a atenção para o ato de 'subir a escada', os participantes devem aumentar o tom, promover melismas e\ou variações agudas segundo suas possibilidades mantendo um mínimo de afinação entre si; assim que o período discorrer sobre o 'descer das escadas', os participantes farão o contrário com a voz, buscando regiões graves e cavernosas do aparelho fonador.		
Recursos:	Não requer recursos.		
Avaliação	1. Vocês conseguiram variar os tons no momento exato? 2. Em qual região vocês se sentiram mais à vontade? 3. O grupo estava minimamente afinado?		

Leitura branca		Número de participantes:	Sem número especificado.
Tipo de Jogo:	Jogo de falar		
Objetivos:	Ler com fluidez adaptando vocalmente as histórias		
Aplicação:	A leitura branca, no teatro, consiste em fazer uma leitura em conjunto do texto dramático a ser encenado pelos atores. No contexto escolar, chamaremos de leitura branca toda leitura comprometida com o desenvolvimento do ato de falar, mesmo que não seja um texto dramático. Para esta tarefa, pode-se usar um texto teatral (é o mais adequado), mas também será possível a aplicação com contos, fábulas, poemas, etc. A leitura passará por estágios:		

Leitura branca	
Aplicação:	1. Apresenta-se o texto e a leitura será feita pelo professor, sem intenções, nem exageros interpretativos. Apenas uma leitura corrida, pontuada, simples e inexpressiva; 2. A posteriori, o texto será lido novamente, dessa vez pelos alunos. Nesse momento, o professor poderá combinar algumas coisas, como um aluno específico para as partes de narração ou personagens já divididos entre os alunos; pode ser combinado que cada um leia um trechinho ou que a ordem de leitura seja sorteada. Independente das propostas, durante a leitura dos alunos o professor deve instiga-los a encontrar a melhor sonoridade da leitura para adequá-la ao contexto da história: uma voz fúnebre ou solene pra contos de terror, voz infantil e alegre para contos alegres, ou ainda uma voz melodiosa e suspirosa para contos românticos... enfim, leituras que deem vida ao texto!
Recursos:	Texto impresso e material de escrita.
Avaliação	1. Nosso texto ficou melhor ou pior diante das mudanças na leitura? Por que?

"Causo" do dia		Número de participantes:	Sem número especificado.
Tipo de Jogo:	Jogo de falar		
Objetivos:	Criar histórias conjuntas.		
Aplicação:	Este é um jogo que pode ser simples, mas sempre podemos melhorá-lo. De maneira simplificada, a turma se reúne em círculo, um aluno começa a história (real ou inventada) dando detalhes sobre o lugar, personagens e eventos. Em determinada altura da história, o professor pede que ele pare e outro aluno continua de onde ele parou. O jogo acaba após todos participarem. De forma mais completa, esse jogo pode ficar mais interessante após a leitura de livros de histórias sobre florestas e acampamentos (sugiro "As Aventuras do Barão de Munchhausen, de Rudolf Erich Raspe", "Caçadas de Pedrinho, de Monteiro Lobato", "Robinson Crusoe, de Daniel Defoe", "A serra dos dois meninos, de Aristides Fraga Lima", etc.) e montar um acampamento em sala! Uma fogueira de papel celofane com uma lanterninha de led, um aparelho de som tocando efeitos sonoros de floresta, banquinhos de madeira ou puff's, uma barraca de camping e demais elementos decorativos podem ser utilizados para "criar um clima" muito propício à imaginação! O jogo decorrerá da mesma forma e certamente garantirá boas risadas ou até mesmo alguns sustos.		

"Causo" do dia	
Recursos:	Uma fogueira de papel celofane com uma lanterninha de led, um aparelho de som tocando efeitos sonoros de floresta, banquinhos de madeira ou puff's, uma barraca de camping e demais elementos decorativos com tema acampamento. (opcional).
Avaliação	1. Contar histórias é uma atividade divertida? 2. Por que as pessoas não fazem mais esse tipo de atividade? 3. Cada um de nós conseguiu realmente passar o "efeito" que pretendíamos ao contar nossa história?

2.1.3 Jogos de mexer-se

Os jogos de mexer-se têm a clara intenção de promover nas crianças o conhecimento do próprio corpo. Executar movimentos ritmados, dançados ou mimetizar as próprias ações seguindo orientações do professor e dos colegas levam o aluno a um patamar de descobrimento de suas próprias possibilidades físicas, além de serem ótimos exercícios de organização e cooperativismo. Um prato cheio para altas risadas e divertimento infinito!

Escravos de Jó		Número de participantes:	Sem número especificado
Tipo de Jogo:	Jogo de mexer		
Objetivos:	Habilitar recursos de movimentação corporal e sincronismo.		
Aplicação:	Esse é um joguinho retirado do fundinho do baú! Pode ser feito em círculo com a totalidade dos participantes ou mesmo sobre quadrados desenhados no chão com giz ou fita crepe. O jogo de desenrola a partir da já conhecida cantiga de roda a seguir: "Escravos de Jó, Jogavam 'cachangá' Tira, põe, Deixa ficar... Guerreiros com guerreiros Fazem zig, zig, zá!" Em cada parte da música, os jogadores executam passos, saltos e rodadinhas conforme combinado anteriormente a fim de fazer tudo em sincronia.		

Escravos de Jó	
Aplicação:	O jogo fica cada vez mais difícil quando toda a coreografia é novamente repetida, primeiro sem a letra da canção, ela é substituída por um "laiá, laiá"; em seguida, tudo se repete com a canção substituído pelo som anasalado "hummm", sempre na melodia da canção, como em forma de "treinamento". Por fim, para deixar tudo mais difícil ainda, a coreografia é feita completamente em silêncio, os participantes precisam estar concentrados e cantando a canção mentalmente
Recursos:	Giz escolar ou fita crepe
Avaliação	1. É difícil para vocês seguir uma coreografia? 2. Todos foram capazes de repetir o jogo em silêncio? Por que?

"zip", "zap", "bum"		Número de participantes:	Sem número especificado
Tipo de Jogo:	Jogo de mexer		
Objetivos:	Criar poses heroicas utilizando o corpo.		
Aplicação:	Esse é um jogo muito divertido! A princípio, estimula a imaginação, pois o professor deve começar no centro do círculo explicando que em sua mão há uma "bola de energia imaginária", uma espécie de esfera de poder lendário que precisa ser compartilhada. Para compartilhar esse poder, os jogadores precisam criar uma forma heroica, dinâmica, original de lançar a esfera para os colegas do círculo... o mais interessante está no fato de que cada forma de lançamento estará associada a uma marca onomatopaica como "zip" ou "zap", "bum", "suich", etc. e essas poses poderão ser usadas mais de uma vez pelos participantes, sempre do mesmo modo e com o mesmo som... sai da brincadeira aquele que demorar demais para lançar a "bola de energia" ou aquele que errar o som da pose correspondente e vice-versa.		
Recursos:	Não requer recursos		
Avaliação	1. Como nos saímos? fomos criativos? 2. Foi fácil lembrar os comandos e repeti-los em tão pouco tempo?		

Seu mestre mandou		Número de participantes:	Sem número especificado
Tipo de Jogo:	Jogos de mexer		
Objetivos:	Imitar as ações do mestre da rodada.		
Aplicação:	Mais um clássico para a lista de jogos de mexer. "Seu mestre mandou" é essencialmente um jogo de imitação em que um indivíduo - que poderá ser trocado a cada rodada - propõe um movimento para que todos os imitem. O jogo possui variações bem bacanas quando associado a músicas, desafios, obstáculos, etc. O "mestre" da rodada deverá sempre dizer "O seu mestre mandou...", em seguida anunciar a ordem a ser executada.		
Recursos:	Não requer recursos. Exceto em caso de variações do jogo sob arbítrio do professor.		
Avaliação	1. Seus mestres conseguiram criar movimentos criativos e originais? 2. Foi difícil acompanhar os colegas? 3. Como poderemos deixar essa brincadeira ainda mais divertida?		

2.1.4 Jogos de interpretar

Jogos de interpretar são os mais próximos da realidade teatral que almejamos construir. Com eles, os alunos\atores têm a oportunidade de construir soluções expressivas\interpretativas que os auxiliarão no entendimento das microestruturas textuais e no próprio processo de dramatização dos textos sobre o palco. Um prelibar da produção e fruição artísticas.

Palavras de ordem		Número de participantes:	Sem número especificado
Tipo de Jogo:	Jogo de interpretar		
Objetivos:	Criar formas diferentes de dizer a mesma frase. Intenção.		
Aplicação:	Para que o jogo aconteça é necessário haver leitura branca de um trechinho de texto teatral qualquer, preferencialmente, um texto em que haja um diálogo. Após a leitura compassada e atenta, cada participante precisa escolher uma fala curta e decorá-la. Em seguida, todos deverão caminhar vagarosamente sobre o palco ou espaço delimitado sem uma direção específica, apenas "explorando" o espaço.		

Palavras de ordem	
Aplicação:	Em determinado momento o professor grita "fale", nesse momento o participante deverá parar e falar de forma audível e sonora a frase que decorou para o colega que estiver diante de si. Caso não haja ninguém, deve o participante agir como se tivesse. A ordem de falar será refeita várias vezes e o aluno repetirá a fala, porém, buscando sempre alterar a intenção da fala, ora triste, ora alegre, ora enraivecida ou psicótico, ora sonolento... enfim, testando os personagens.
Recursos:	Material impresso
Avaliação	1. Qual das intenções foi mais fácil para você interpretar? 2. Quem entre nós conseguiu criar mais intenções diferentes e expressá-las de maneira coerente? 3. Qual seria, na opinião de vocês, a verdadeira intenção desse personagem no momento da fala em questão?

Partitura textual		Número de participantes:	Um número par de participantes
Tipo de Jogo:	Jogo de interpretação		
Objetivos:	Deixar-se dirigir pelas rubricas.		
Aplicação:	Para este jogo também será necessário um trecho, um diálogo recolhido de um texto dramático. O grupo será dividido em duplas e cada dupla receberá uma cópia do texto que precisa ser impresso com bom espaçamento entre as linhas. O próximo passo está no ato de criar rubricas para o texto, apontando ações, intenções, intensidade, volume da voz, expressões, tudo o que, segundo a dupla, faria melhor compreendido o texto e permitiria aos prováveis atores materializarem as suas ideias de direção. Essas rubricas tanto podem ser escritas em texto corrido como detalhadas em legendas de cores, setas, marca-páginas, etc. tudo que corrobore para a melhor compreensão das ideias dos "diretores-mirins". Depois, troque-se os papéis entre as duplas para que, segundo a orientação das rubricas descritas, seja feita uma encenação rápida do diálogo por todas as duplas na intenção em alcançar o desejo impresso pela dupla diretora.		
Recursos:	Material de escrita e material impresso		
Avaliação	1. Como foi a experiência de criar rubricas para o texto? 2. Os atores conseguiram materializar os seus pensamentos de direção? 3. Você mudaria alguma coisa no seu projeto de direção após assistir à montagem do texto feita pelos colegas?		

Mímica		Número de participantes:	Sem número definido
Tipo de Jogo:	Jogo de interpretação		
Objetivos:	Imitação e comunicação sem voz.		
Aplicação:	Sem o uso de palavras nem objetos, o jogador deve fazer-se entendido ou fazer a plateia conhecer certa palavra, expressão, título ou ação descrita em pequenos pedaços de papel. Aquele que primeiro acertar toma o lugar do mímico e uma nova rodada se inicia.		
Recursos:	Material impresso		
Avaliação	1. Foi fácil descobrir as palavras? 2. Quais recursos foram mais úteis na hora da imitação? 3. O que contou mais: a expressão gestual ou facial? Ou os dois?		

2.1.5 Jogos de socializar

A socialização e o desenvolvimento de laços afetivos talvez seja uma das maiores vantagens da utilização do Letramento-teatral na escola, senão a maior delas. Os jogos e dinâmicas teatrais quase sempre defendem os estados de interação humana, de consciência coletiva e interdependência dos participantes. Com isso, a amizade, o companheirismo, o respeito, a tolerância, a fraternidade e a alteridade somam-se ao processo educativo e contribuem fortemente para o desenvolvimento geral do aluno/ator.

A torre está caindo		Número de participantes:	Sem número definido
Tipo de Jogo:	Jogo de socializar		
Objetivos:	Estabelecer relações de confiança mútuas		
Aplicação:	Este é um jogo simples, porém muito significativo! Neste jogo, todos os participantes devem caminha a esmo pelo espaço\palco, em movimentos lentos e aleatórios. Sem prévia determinação, aquele entre os demais que se sentir seguro e confiante deverá parar, cruzar os braços sobre o peito com as mãos em direção aos ombros, fechar os olhos e falar bem alto: "A torre está caindo...". enquanto diz as tais palavras, o jovem deve deixar-se cair para trás, de maneira confiante, positiva.		

A torre está caindo	
Aplicação:	Ao ouvir isso, TODOS os demais participantes, silenciosamente, precisam correr ao encalço do amigo e "aparar" calmamente seu corpo. O trabalho conjunto deverá sustentar a "queda" do colega, o qual será deitado tranquilamente no chão. Depois, todos retornam ao jogo, até que outro colega se encoraje a "cair". PRECAUÇÕES: - É muito importante se certificar de que todos entenderam a proposta da dinâmica e a importância dela, pois se alguém for "deixado para trás", tal atitude poderá magoá-lo; - Todos devem estar bastante atentos! Pode ocorrer que mais de um colega resolva, ao mesmo tempo, lançar-se. É imprescindível que apenas um por vez solicite o apoio do colega. Isso pode ser resolvido facilmente, se o professor der um simples toque no ombro de um dos alunos, permitindo-lhe a vez. - Ninguém pode se sentir coagido a participar! Desenvolver tamanha confiança leva tempo. Por isso, este é um jogo a ser repetido de tempos em tempos.
Recursos:	Não requer recursos
Avaliação	1. Como você se sentiu ao deixar-se cair? 2. Para vocês, qual a importância de fazer uma atividade como essa?

Trilha cega		Número de participantes:	Jogo feito em pares
Tipo de Jogo:	Jogos de socializar		
Objetivos:	Atravessar um labirinto vendado sob instruções do parceiro		
Aplicação:	Para este jogo requer-se fundamentalmente um bom rolo de fita crepe. Use a fita para criar um labirinto no chão. O jogo se dá quando um dos participantes venda os olhos e se deixa guiar pelo parceiro para atravessar o labirinto em segurança, o guia deve apenas dar instruções simples como "para frente" ou "para esquerda", por exemplo. Ganha quem atravessar o labirinto em menos tempo. Por ser um jogo tecnicamente simples, ele possui variações, vamos ver? 1. A primeira variação requer que o guia oriente o colega sem usar a voz. Ele deverá apenas dar toques no corpo do "cego": toque no ombro esquerdo (vire à esquerda), toque no ombro direito (vire à direita), toque na cabeça (siga à frente), toque no meio das costas (passo para trás), e assim por diante. Ganha quem atravessar o labirinto em menos tempo;		

Trilha cega	
Aplicação:	1. A segunda variação ocorre de acordo com alguma das anteriores acrescidas de obstáculos como tapete de pedrinhas, areia, elásticos atravessados no caminho, figuras fantasmagóricas ou horrendas impressas em forma de totem nos cenários, enfim... tudo que possa interromper ou atrasar os participantes. Ganha quem atravessar o labirinto em menos tempo; 2. A terceira variação requer mais técnica! O professor deverá desenhar dois labirintos idênticos, um ao lado do outro. Nesse caso, duas duplas fazem o jogo ao mesmo tempo. Ganha quem chegar primeiro.
Recursos:	Fita crepe ou materiais à escolha do professor.
Avaliação	1. Como foi a experiência de depender totalmente do colega? 2. Você se sentiu seguro? 3. Qual estratégia utilizaram para atravessar o labirinto?

Vestido para o chá		Número de participantes:	Número par de participantes
Tipo de Jogo:	Jogo de socializar		
Objetivos:	Vestir rapidamente o casal convidado de acordo com o desenho.		
Aplicação:	Este é um jogo muito divertido, mas que precisa de muitos elementos para se constituir. A princípio um guarda-roupa bem graúdo, com grande quantidade de peças de roupas de todos os tipos e tamanhos, além de uma boa caixa de maquiagem, adereços diversos e enfeites. A turma deverá está dividida em dois grupos, cada um responsável por um "modelo", um colega que esteja disposto a deixar-se vestir e maquiar pelo grupo. O professor deverá montar um "look" com várias das roupas que dispuser em seu guarda-roupa, fotografar, imprimir e guardar em um envelope. ATENÇÃO, dever ser um "look" para cada grupo. No momento da brincadeira, cada grupo terá acesso ao "look" impresso por 30 segundos e, ao soar o apito, correrem para vestir seu modelo da mesma forma que a imagem do professor. Ganha quem terminar tudo em menos tempo e acertar todas as peças de roupa, cores de maquiagens e acessórios conforme a fotografia.		
Recursos:	Roupas, maquiagens, adereços e acessórios, apito, material impresso, cronômetro, etc.		

Vestido para o chá

Avaliação

1. O jogo foi divertido?
2. Vocês utilizaram alguma estratégia ou foi tudo feito aleatoriamente?
3. Como vocês poderiam ter se organizado para conseguir melhor resultado?



PENSANDO JUNTOS !

Tivemos aí a oportunidade de conhecer algumas ideias de jogos para começar a nossa aula de teatralização, conforme já foi dito, esse manual não tem intenção de se aprofundar no estudo dos jogos, porém, faz uso desse recurso como forma de integrá-lo à prática docente significativa. Uma boa sugestão é procurar alinhar o jogo ao texto criando uma relação entre os seus potenciais objetivos e a temática abordada na história. Outra boa dica é procurar o livro *Jogos Teatrais: o fichário*, de Viola Spolin, um excelente referencial quanto o assunto é jogo dramático!



Em atu(ação)

Que tal criar um projeto de Partitura Leitora? Não sabe o que é? Vejamos então:

Tal como numa partitura musical em que os compositores transformam em símbolos (notas musicais) as possibilidades sonoras de um instrumento, é possível inventar um código para auxiliar na leitura. A Partitura Leitora consiste na criação de um sistema de símbolos simples que contemplem as intenções, entonações, volume e impostações de voz que um leitor deve usar para dar “mais vida” a um texto.

A grande sacada está no fato de que não existe um sistema universal para esta atividade, logo, a classe com o auxílio do professor poderá se utilizar da arbitrariedade dessa proposta e criar um sistema próprio, que seja simples e divertido! Vamos explicar melhor, imagine a leitura do exemplo a seguir:



A menina estava cansada da corrida, então resolveu enfrentar o animal. Encheu bem os pulmões e gritou:
– Sai pra lá, seu lobo bobo!

Essa seria uma leitura deveras mecânica quando feito pelo aluno sem nenhuma consideração anterior. Agora, imagine fazer essa leitura considerando as expressões e emoções dos personagens?!

Juntamente com os alunos, o professor poderá inventar uma legenda simbólica para as intenções como no exemplo a seguir:

	Voz de narrador		Pensativo (a)
	Confuso (a)		Nervoso (a)
	Falar com tristeza		Apaixonado (a)
	Usar um tom sem sentimentos		Mais intenso \ menos intenso
	Usar um tom amigável		Falar gritando

Note que o sistema usa símbolos simples que poderiam ser substituídos por quaisquer outros, basta que a intencionalidade seja bem definida pelos alunos e pelo professor... ah, e o mais legal é que esses símbolos podem ser combinados e transformados numa espécie de híbrido que se torna uma expressão

complexa como brigar por amor, um possível híbrido da ação de gritar , com o símbolo de tristeza  mais o de apaixonado . Achou difícil? Mas não é! Veja como ficaria o texto:



A  menina estava cansada  da corrida, então resolveu  enfrentar  o animal. Encheu bem os  pulmões e gritou:   – Sai pra lá, seu lobo bobo!

Uma forma muito legal de trabalhar com a linguagem verbal e não verbal, não é mesmo? Divirtam-se!!!



Aprimore-se

Mas o teatro já não é uma realidade na escola há séculos?

Não enquanto ferramenta pedagógica. Elucidemos.

O ensino de teatro é alvo de grandes críticas há bastante tempo. Sabe-se, é claro, que o teatro já é realidade na educação brasileira, pode-se a *grosso modo* assim dizer, desde que José de Anchieta resolveu utilizar o poder da linguagem teatral no longínquo século XVI. A partir disso, e em sequências diferenciadas em cada século, o teatro fora sendo incorporado ao dia-a-dia das escolas sob diversos vieses e a crítica que ora se faz pode ser dividida em pelo menos dois caminhos (olha a duplicidade aí de novo!), vamos entender:

Para os professores\escolas em geral, a utilização do teatro está sempre, ou quase sempre, vinculada às festividades e datas comemorativas. Quem nunca propôs uma “pecinha” para o dia das mães ou pais, ou mesmo um teatrinho natalino para o encerramento do ano letivo? Mais adiante no tempo, um papel mais “nobre” foi conferido ao teatro escolar, desde que tratasse de questões mais importantes como drogas, violência, sexualidade e demais temas transversais... porém, se permitem, sempre com aquela “*anchietagem*” de sempre. Ah, caro professor, não sabe o que é “*anchietagem*”? de maneira geral, é a utilização de um teatro simples, cheio de fórmulas prontas, com um texto moralizante que quase “catequiza” o público, igual ao Anchieta.

Diante de um quadro tão explícito de “*raquitismo estético-pedagógico*” da utilização do teatro na escola, percebe-se que mesmo estando “de corpo presente” dentro da escola, esse teatro-zumbi não possui a alma pedagógica do trabalho interdisciplinar; possuiria se fosse associado à disciplina de língua portuguesa, como o letramento-teatral.

O segundo caminho crítico da utilização do teatro na escola é feito especificamente pelos profissionais do teatro, mestres e doutores em artes cênicas, que apontam para um *déficit* de profissionais formados para atuação docente em teatro infantil e infanto-juvenil. Para eles, a ausência de produção

científica e inovação pedagógica são os primeiros obstáculos encontrados para uma aplicação efetiva do teatro na escola e, por conseguinte, a falta de formação leva à utilização de práticas que acarretam na depreciação do teatro nacional e se tornam um desserviço à comunidade acadêmica que se dispõe a estudar tais assuntos.

Defronte a tal visão, estudo sério algum pode refutá-la ou negá-la, sob pena de estar relegado à cegueira completa de uma realidade escancarada: não há qualquer incentivo para que se formem profissionais nessa área específica de atuação, eles são poucos, isso é fato. Todavia, manuais como este, que intentam aprovisionar minimamente professores de outras disciplinas da área de linguagens para o trabalho com teatro podem ser uma saída viável para a resolução ou, ao menos, mitigação dessa realidade deletéria para as artes na escola brasileira.

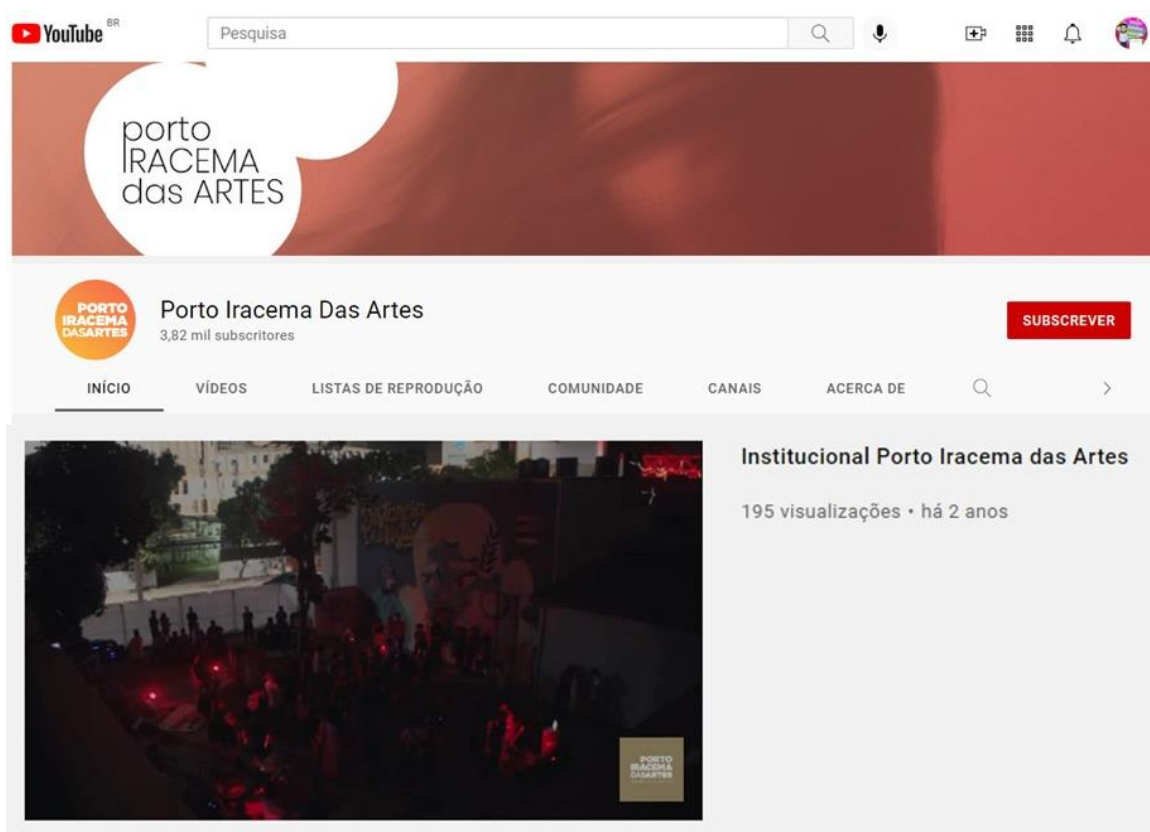
Convém lembrar também que teatro na escola só se tornou linguagem obrigatória, isso para a disciplina de Artes, em 2016, pela LEI No 13.278, DE 2 DE MAIO DE 2016 assinada pela então presidenta Dilma Rousseff que altera o § 6º do art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, a qual é a responsável por fixar as diretrizes e bases da educação nacional referentes ao ensino da arte. Por isso, a criação de técnicas e a instrumentalização dos professores e demais profissionais envolvidos com a educação é tão importante, além de facilitar o processo de letramento pela dinamicização das metodologias, é um suporte muito útil para se fazer valer a lei.





Eu Recomendo

Você conhece o canal da escola de arte **Porto Iracema das Artes**? O Porto Iracema das Artes é a escola de formação e criação em artes do Governo do Ceará, ligada à Secretaria da Cultura do Estado do Ceará, sob gestão do Instituto Dragão do Mar (IDM). Criada em 29 de agosto de 2013, desenvolve processos formativos nas áreas de Música, Dança, Artes Visuais, Cinema e Teatro, com a oferta de Cursos Básicos e Técnicos, além de Laboratórios de Criação. Todas as ações oferecidas são gratuitas.





Você conhece o canal do **Território do Brincar**? O projeto Território do Brincar é um trabalho de escuta, intercâmbio de saberes, registro e difusão da cultura infantil. É coordenado pela educadora Renata Meirelles e pelo documentarista David Reeks e correalizado pelo Instituto Alana.



CONECTE-SE

Conheça os trabalhos, projetos e cursos através dos *links* a seguir:

Indicação 01: <https://www.youtube.com/channel/UCpQ6ypFzavPMW0kzu-gmmaQ>

Indicação 02: <https://www.youtube.com/user/TerritorioDoBrincar>



Bastidores:

Fim do *espetáculo?*



1. Por detrás das cortinas...

A maior preocupação deste produto educacional, o qual apelidei ousadamente de “manual” (se é que é possível prescrever o processo educativo), era o de ser exequível. Entre os professores, não deve haver sequer um que em algum momento da vida não tenha se irritado com os chamados “teóricos de gaveta”, aqueles grandes escritores, pedagogos, professores que jamais puseram os pés numa sala de aula, mas criam receitas infalíveis de alfabetização e letramento.

O presente manual é, por assim dizer, fruto das minhas próprias experiências enquanto professor de Artes e Teatro, assim, quando surgiu a oportunidade de submeter um trabalho ao Programa de Pós Graduação em Ensino, Linguagem e Sociedade da Universidade do Estado da Bahia, eu sabia exatamente sobre o que falar... claro, uma ajudinha do destino também foi importante, já que cerca de um mês antes do fim do prazo eu haveria de encontrar uma mocinha de 9 anos, ex-aluna do infantil, que sem nenhuma explicação aparente resolveu me contar das leituras que fazia e dos livros que gostava... no fim da conversa, ela me disse algo que eu jamais esqueceria: “Tio, sabia que eu aprendi a ler por sua causa?” – como assim? – retorqui-lhe – “O teatrinho, tio! Para fazer direitinho eu tive que aprender a ler... foi assim, ó... *vapt vupt!*”. Umas palavrinhas à toa, e aquela menininha mudou minha visão sobre o ato de educar.

Por isso tudo, para finalizar este manual, apresento-lhes um relato de experiência de um projeto em ciclo médio de Letramento-teatral, ocorrido entre os dias 04 e 29 de outubro de 2021.

1.1 Letramento-teatral em ação: um relato de experiência

Diante da imperativa necessidade de testagem das metodologias relacionadas ao letramento-teatral e descritas minuciosamente nas páginas deste manual, foi elaborado um plano de 4 semanas (ciclo médio), aplicado entre os dias 04 e 29 de outubro de 2021, numa turma de 5º ano do Ensino Fundamental I, da Escola Mundo Educação.

Por se tratarem de menores de idade e, não havendo a necessidade de maior detalhamento sobre esse respeito, todos os nomes de alunos, funcionários da escola e até mesmo o nome da escola são fictícios, utilizados aqui apenas para garantir a compreensão dos leitores.

Para viabilizar a aplicação da atividade, no dia 27\09\2021, foi apresentado o projeto às senhoras Maria Júlia, Diretora Escolar, e Ana Luiza, Coordenadora Pedagógica, a fim de requerer a autorização necessária para a aplicação do projeto. Com animação, as gestoras receberam e abraçaram o projeto, viabilizando-o junto à professora regente da turma de 5º ano, professora Joana, que também se mostrou animada em adaptar seu material de trabalho.

A Coordenadora Pedagógica, Dona Ana Luiza, e a professora, Dona Joana, explicaram a rotina da escola e salientaram que as turmas do Fundamental I têm aproximadamente duas semanas para concluir um ciclo de atividades, ou seja, concluir um capítulo do livro didático, um conteúdo. Diante desta informação, foi necessário fazer um levantamento dos conteúdos, competências e habilidades estimados para o mês de outubro nas disciplinas de Língua Portuguesa e Produção textual. Munido dessas informações, o projeto foi organizado e apresentado à coordenação como a seguir:

PROJETO DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA EM LETRAMENTO-TEATRAL

Instituição: Escola Mundo Educação

Professor (a) regente: Joana da Silva

Disciplina (área de conhecimento): Língua Portuguesa \ Produção Textual

Ano \ Série: 5º ano – Ensino Fundamental I (Anos Finais)

APRESENTAÇÃO

A presente proposta de trabalho é fruto das pesquisas em Letramento-teatral, estudo esse implementado pelo mestrando João Victor de Souza Gomes Neves através do Programa de Pós Graduação em Ensino Linguagem e Sociedade, da Universidade do Estado da Bahia – UNEB.

O projeto, em parceria com a Escola Mundo Educação, visa avaliar a efetividade da metodologia em Letramento-teatral em uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental I (classe com 12 alunos entre 9 e 11 anos); os resultados serão avaliados a partir de um aspecto qualitativo e outro quantitativo, baseados nas informações disponibilizadas pela escola (professora e coordenadora pedagógica).

Quantitativamente, as atividades propostas pela regente durante a aplicação, e que tenham relação direta com o projeto, serão observadas e

APRESENTAÇÃO

racionalizadas em tabelas e gráficos para a melhor comparação dos resultados; já a avaliação qualitativa será feita a partir das observações dos profissionais de educação envolvidos no processo. O letramento será verificado por meio das atividades que exploram a mobilização dos conteúdos\conhecimentos de forma a extrapolar a simples memorização, ou seja, aplicando o conhecimento adquirido e reconhecendo as inter-relações conceituais\textuais nos gêneros trabalhados e sua utilização nas mais distintas práticas sociais.

Como se trata aqui do projeto integrador entre as disciplinas, não consta neste material todas as ações pedagógicas implementadas pela professora regente no decorrer dos conteúdos gramaticais, apenas as ações que dizem respeito à parte relacionada ao projeto.

Dessa forma, este projeto integrador pretende diversificar as práticas de leitura, escrita e reflexão linguístico-semiótica de modo a alcançar o interesse e a participação do aluno através da ludicidade e da prática significativa.

Proposta:	O JORNAL DO REINO!		
Tempo:	CICLO MÉDIO – 4 SEMANAS		
PROJETO DE LEITURA	ROCHA, Ruth. O Reizinho Mandão . 27ª ed. coleção: BIBLIOTECA RUTH ROCHA. São Paulo: Salamandra, 2013. <u>Ver projeto de leitura em anexo.</u>		
SEMANA 1 – 5 h/a		Período:	04 a 08/10/2021
Conteúdo/ Objeto do conhecimento:	Leitura: Reportagem digital Análise linguística/ semiótica: Pontuação Oralidade: Campo da vida pública/ Produção de texto Produção de texto: Roteiro de reportagem digital		
Objetivo geral/ Prática de Linguagem:	Refletir a importância da reportagem, não apenas como gênero textual, mas como prática social inclusiva e dependente da boa gramática (pontuação) para a melhor compreensão dos conteúdos.		
Objetivos específicos:	(EF05LP04) Diferenciar, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos e reconhecer, na leitura de textos, o efeito de sentido que decorre do uso de reticências, aspas, parênteses. (EF05LP17) Produzir roteiro para edição de uma reportagem digital sobre temas de interesse da turma, a partir de buscas de informações, imagens, áudios e vídeos na internet, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. (EF05LP19) Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.		

METODOLOGIA		
Sensibilização:	⇒ “A trend do teleprompt”. ⇒ Partitura leitora.	
Ação pedagógica:	⇒ Apresentação do Projeto Integrador e da obra literária no continho da leitura e sequente aplicação do projeto de leitura (Aula 1 - 1h\ a); ⇒ Aplicação da ação de sensibilização “A trend do teleprompt”. (Aula 2 - 1h\ a) ⇒ A sensibilização consiste numa variação da “trend” que viralizou no Tik Tok entre os meses de julho e setembro de 2021. Nela, o aluno é desafiado a apresentar uma notícia, como numa bancada de telejornal, lendo da maneira mais “natural” possível uma notícia sem qualquer pontuação, a fim de que perceba a importância dela. ⇒ Aula expositiva “Sinais de pontuação”. (Aula 2 - 1h\ a); ⇒ Aplicação da ação de sensibilização “Partitura Leitora” (Aula 3 - 1h\ a); ⇒ Leitura, reflexão e produção de texto do gênero notícia \ reportagem (roda de conversa das principais notícias da semana) (Aula 3 - 1h\ a e Aula 4 - 1h\ a); ⇒ Atividades da professora regente (Aula 5 - 1h\ a).	
Administração do emocional:	Há possibilidade de haver riso nas <i>performances</i> de alguns alunos durante as atividades de sensibilização. É por isso importante que o professor seja o primeiro a “tentar” fazer a atividade proposta. Demonstrar segurança e empatia pelo “rir junto” e não “rir do outro”, a fim de encorajar a participação contra a timidez.	
Recursos:	⇒ Computador/ monitor; ⇒ Material impresso; ⇒ Papel adesivo e impressão colorida; ⇒ Exemplares do livro adotado para a leitura; ⇒ Datashow (opcional).	
SEMANA 2 – 5 h\ a		Período: 11 a 15\10\2021
Conteúdo/ Objeto do conhecimento:	Leitura: Reportagem digital Análise linguística/ semiótica: Pontuação Oralidade: Campo da vida pública/ Produção de texto Produção de texto: Roteiro de reportagem digital	
Objetivo geral/ Prática de Linguagem:	Refletir a importância da reportagem, não apenas como gênero textual, mas como prática social inclusiva e dependente da boa gramática (pontuação) para a melhor compreensão dos conteúdos.	
Objetivos específicos:	(EF05LP04) Diferenciar, na leitura de textos, vírgula, ponto e vírgula, dois-pontos e reconhecer, na leitura de textos, o efeito de sentido que decorre do uso de reticências, aspas, parênteses. (EF05LP17) Produzir roteiro para edição de uma reportagem digital sobre temas de interesse da turma, a partir de buscas de informações, imagens, áudios e vídeos na internet, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e o tema/assunto do texto. (EF05LP19) Argumentar oralmente sobre acontecimentos de interesse social, com base em conhecimentos sobre fatos divulgados em TV, rádio, mídia impressa e digital, respeitando pontos de vista diferentes.	

METODOLOGIA	
Sensibilização:	⇒ “Causo” do dia; ⇒ Escravos de Jó.
Ação pedagógica:	⇒ Aplicação da ação de sensibilização “Causo” do dia (Aula 1 - 1h\A); ⇒ Roda de conversa sobre a leitura da obra “O Reizinho Mandão” com foco na situação sócio-política do Brasil apresentadas pelas notícias de jornal (Aula 1 - 1h\A); ⇒ Apresentação da proposta de roteirização e montagem do esquete “O Jornal do Reino”, posteriormente, far-se-á a divisão dos grupos (3 grupos com 4 alunos cada) (Aula 1 - 1h\A); ⇒ Aula expositiva sobre a estrutura do texto teatral (Aula 2 - 1h\A); ⇒ Separação dos grupos para que os alunos iniciem o processo de escrita \ adaptação da obra sob orientação docente (Aula 2 - 1h\A); ⇒ Finalização da escrita dos roteiros e divisão dos personagens; elaboração de cenografia e figurino (Aula 3 - 1h\A); ⇒ Atividade da professora regente (Aula 4 - 1h\A); ⇒ Aplicação da atividade de sensibilização “Escravos de Jó” (Aula 5 - 1h\A); ⇒ Início dos ensaios em sala (Aula 5 - 1h\A).
Administração do emocional:	Tentar conduzir possíveis demonstrações de insegurança e timidez realocando ou redistribuindo tarefas. Propor atividades de aproximação entre os componentes dos grupos em caso de atritos ou atitudes pouco fraternais. Contar com o auxílio da coordenação pedagógica e/ou psicólogo escolar em caso de dificuldades com a timidez ou pânico.
Recursos:	⇒ Material impresso; ⇒ Lousa e pincel; ⇒ Listas de materiais advindos das montagens dos alunos (maquiagens, tecidos, elementos cênicos, etc.)
SEMANA 3 – 5 h\A	
Período: 18 a 22\10\2021	
Conteúdo/ Objeto do conhecimento:	Leitura: Compreensão em leitura (Anedotas, piadas e cartuns) Análise linguística/ semiótica: Morfossintaxe do verbo Oralidade: Campo da vida pública \ Produção de texto Produção de texto: Anedotas, piadas e cartuns.
Objetivo geral/ Prática de Linguagem:	Compreender as ligações textuais complexas, como as que produzem humor, em textos dos gêneros anedotas, piadas e cartuns, de modo a intensificar a leitura e interpretação textuais.
Objetivos específicos:	(EF05LP05) Identificar a expressão de presente, passado e futuro em tempos verbais do modo indicativo. (EF05LP06) Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração. (EF05LP10) Ler e compreender, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.

Objetivos específicos:	(EF05LP10) Ler e compreender, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.		
METODOLOGIA			
Sensibilização:	⇒ Concurso de piadas; ⇒ Leitura Branca.		
Ação pedagógica:	⇒ Aplicação da atividade de sensibilização “Concurso de piadas” (Aula 1 - 1h\la); ⇒ Aula expositiva gênero “Anedota, piadas e cartuns” (Aula 1 - 1h\la); ⇒ Utilização de trechos da obra “O Reizinho Mandão” como referência para aula expositiva acerca da morfossintaxe dos verbos no modo indicativa (marcas temporais do texto) (Aula 2 e 3 - 2h\la); ⇒ Atividades da professora regente (Aula 4 - 1h\la); ⇒ Aplicação da ação de sensibilização “Leitura Branca” com os textos escritos pelos grupos. Acrescentar ou retirar, se necessário, partes inteiras do texto, para aprimorar o enfoque, seja ele dramático ou cômico. (Aula 5 - 1h\la); ⇒ Ensaaios (Aula 5 - 1h\la);		
Administração do emocional:	Ajudar as crianças a anteverem o estado de palco e, paulatinamente, superarem qualquer sensação de pânico, deixando-as sentirem-se livres, à vontade com o processo.		
Recursos:	⇒ Material impresso; ⇒ Decoração de pequeno palco <i>stand up</i> (opcional); ⇒ Prêmio para concurso de piadas; ⇒ Aparelho de som.		
SEMANA 4 – 5 h\la		Período:	25 a 29\10\2021
Conteúdo/ Objeto do conhecimento:	Leitura: Compreensão em leitura (Anedotas, piadas e cartuns) Análise linguística/ semiótica: Morfossintaxe do verbo Oralidade: Campo da vida pública/ Produção de texto Produção de texto: Anedotas, piadas e cartuns.		
Objetivo geral/ Prática de Linguagem:	Compreender as ligações textuais complexas, como as que produzem humor, em textos dos gêneros anedotas, piadas e cartuns, de modo a intensificar a leitura e interpretação textuais.		
Objetivos específicos:	(EF05LP05) Identificar a expressão de presente, passado e futuro em tempos verbais do modo indicativo. (EF05LP06) Flexionar, adequadamente, na escrita e na oralidade, os verbos em concordância com pronomes pessoais/nomes sujeitos da oração. (EF05LP10) Ler e compreender, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto. (EF05LP10) Ler e compreender, com autonomia, anedotas, piadas e cartuns, dentre outros gêneros do campo da vida cotidiana, de acordo com as convenções do gênero e considerando a situação comunicativa e a finalidade do texto.		

METODOLOGIA	
Sensibilização:	⇒ A torre está caindo.
Ação pedagógica:	⇒ Sendo esta a última semana do projeto, alternar-se-ão aulas de atividades propostas pela professora e aulas de ensaios e preparação para a apresentação. ⇒ Os grupos serão convidados a tirar uma fotografia a fim de montar um <i>banner</i> de divulgação do pequeno espetáculo; ⇒ Foram convidados os alunos do 4º ano para assistirem às apresentações dos colegas, bem como as professoras e funcionários que puderam acompanhar as <i>performances</i> . ⇒ Cada esquete tem aproximadamente 10 minutos de duração; ⇒ A apresentação está marcada para o dia 28 no auditório da escola.
Administração do emocional:	Atividades de relaxamento (alongamento e meditação) serão ministradas para os jovens atores antes das apresentações.
Recursos:	⇒ Aparelhamento técnico cenográfico próprios de cada texto.

PROJETO DE LEITURA	
Identificação Da Literatura Infantil	
Título da obra:	O Reizinho Mandão
Autor(a):	Ruth Rocha \ Walter Ono (ilustrador)
Editora:	Salamandra
Faixa etária da obra escolhida:	A partir de 09 anos
Páginas:	40
OBJETIVO GERAL:	
Discutir as posições contrárias ao bem estar coletivo como o autoritarismo e a ditadura, refletindo sobre questões relacionadas à cidadania e a educação em direitos humanos.	
OBJETIVOS ESPECÍFICOS:	
1. Desenvolver o senso crítico através da leitura comentada;	
2. Criar um espaço seguro onde as ideias tendem a seguir propostas de fortalecimento dos direitos humanos;	
3. Refletir acerca dos eventos atuais relacionados à temática central da obra e a visão infantil acerca delas.	
EIXO NORTEADOR:	
Linguagem Oral e Escrita	
EXPLORAÇÃO DA LITERATURA	
⇒ A princípio, no Cantinho da Leitura, a história será apresentada aos alunos e serão discutidas questões como capa, ilustrações, organização do livro e hipóteses sobre a história.	

EXPLORAÇÃO DA LITERATURA	
⇒ Conjuntamente, a turma será mobilizada a fazer a leitura do livro num prazo de 5 dias, estabelecendo metas para cada dia numa espécie de “trilha da leitura”; ⇒ No último dia, a turma será novamente convidada ao Cantinho da Leitura para conversar e refletir sobre a história.	
1- Quais questionamentos serão realizados partindo da leitura da capa do livro	
⇒ Em sua opinião, do que trata este livro? ⇒ Quem é o personagem na capa? ⇒ Ele parece bonzinho, malvado, mágico... como você descobriu isso?	
2- Como será realizada a leitura da história?	
⇒ A leitura será feita pelo próprio aluno, mas, na apresentação do livro, o professor deverá ler as partes adjuntas à história, como o resumo da contracapa, informações nas orelhas do livro, a introdução ou prefácio se a edição contar com alguma delas.	
3- Como despertará na criança, a história?	
⇒ A turma terá a oportunidade de manusear a obra e observar as imagens internas. Se for possível, cada um deles contará com um exemplar físico do livro, porém, também é possível que a leitura seja feita por um material digital a ser disponibilizado pelo professor. ⇒ A turma também receberá uma “Trilha da Leitura”, uma espécie de álbum de figurinhas, no qual, durante a semana, o aluno deverá anotar suas impressões sobre a leitura, acompanhará o desenvolvimento do ato de ler de acordo com a meta estabelecida (número de páginas) e colará adesivos que servirão de prêmio\incentivo a cada meta alcançada.	
4- Como explorará a literatura com as crianças?	
⇒ Os alunos serão convidados a uma roda de leitura todos os dias ou, pelo menos, uma ou duas vezes antes do prazo final de leitura, a fim de refletir sobre as metas alcançadas e sobre o conteúdo do livro.	
5- Quais as intervenções serão realizadas sobre a história?	
⇒ Você acha que o Reizinho foi um bom governante? Por que? ⇒ Qual lição você acha que o Reizinho aprendeu? ⇒ Se você fosse rei, como governaria? ⇒ Nossos governantes são bons? Explique... ⇒ Você sabe o que é democracia? Vamos descobrir?	
6-O que deseja ensinar por meio da história?	
⇒ A importância de se considerar o bem estar coletivo.	
7-O que será realizado após a exploração da literatura?	
⇒ Um esquete teatral.	
8-Como as atividades serão desenvolvidas pelas crianças?	
⇒ A turma será convidada a adaptar a história em formato de telejornal; ⇒ Grupos serão criados a fim de ser montado mais de um esquete.	
9- Como será a exposição da atividade coletiva na sala de aula?	
⇒ Ao final do período, os alunos apresentarão seus pequenos espetáculos para os demais colegas e convidados.	

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS	
Atividade coletiva:	
⇒	Dramatização dos esquetes montados pelos alunos.
Atividade lúdica:	
⇒	Para esta proposta, as atividades realizadas ao longo dos ensaios dos alunos serão consideradas atividades lúdicas.
MATERIAIS NECESSÁRIOS:	
⇒	Peças de roupas; ⇒ Materiais de cenografia; ⇒ Maquiagem.

1.2 Desenvolvimento do projeto de intervenção

O projeto acima descrito foi apresentado à gestão pedagógica da Escola Mundo Educação no dia 28 de setembro de 2021 e aprovado para início das atividades no dia 29 de setembro. Depois de feitas as devidas combinações com a professora regente das disciplinas de Língua Portuguesa e Produção Textual da Unidade Escolar, o projeto pode ser iniciado no dia 01 de outubro de 2021 conforme o planejamento.

O mês de outubro possui dois feriados importantes: o Dia das Crianças \ Dia de Nossa Senhora Aparecida (12\10) e o Dia do Professor (15\10), desses apenas o Dia do Professor, data em que a escola habitualmente promove comemorações em homenagem aos docentes, de certa forma, impediu o desenvolvimento das atividades para aquela data, pois, apesar de ser um feriado, naturalmente sem aulas, a escola resolveu comemorar a data festiva no dia anterior, o que interrompeu o fluxo da aula, porém, todas as atividades foram realocadas e a turma novamente entrou no eixo de trabalho.

A recepção dos alunos para com o projeto foi impressionante, a maior parte deles mostrou-se animada com o desenvolvimento do projeto e participavam dispostos de todas as atividades. O conhecimento da professora acerca da personalidade de cada aluno foi de grande utilidade para que pudéssemos contornar obstáculos pontuais como indisciplina, falta de interesse e descontentamento de um grupo específico da turma, que conta com três indivíduos, dois do sexo masculino e um feminino com idades entre 9 e 12 anos. As atividades de sensibilização foram imprescindíveis para a criação de uma atmosfera convidativa que resgatasse o desinteresse desse pequenino “clube”.

O projeto de leitura, primeira das atividades apresentadas, foi um grande sucesso! Os alunos se engajaram na leitura em função da Trilha de Leitura e dos adesivos, tanto que, ao fim de 3 das 5 etapas\metas de leitura, a turma, por si, já estava fazendo um “*ranking*” dos leitores mais ligeiros entre os colegas. Muitos alunos demonstraram habilidades de letramento interessantes, pois conseguiam fazer comparativos com a gestão política brasileira atual, colocando o Reizinho Mandão, personagem criado por Ruth Rocha, num patamar semelhante ao do Presidente da República. Vale salientar que a professora foi bastante sagaz ao evitar tecer as próprias opiniões a esse respeito, deixando aos garotos o espaço para explicarem o porquê de suas opiniões, sem partidarismo, sem polarização de opiniões e evitando brigas.

Após o projeto de leitura, deflagrou-se finalmente a proposta de montagem do esquete teatral. Observe-se que as atividades de sensibilização sugeridas desde o início do projeto são “teatrais” e já estão relacionadas à metodologia de Letramento-teatral conforme indicado na apresentação deste projeto. A atividade de adaptação do texto lido para uma produção do gênero teatral foi bastante complexa. Os alunos demonstraram bastante dificuldade de estruturação do texto e ainda possuíam defasagens no processo de escrita que, teoricamente, já deveriam estar superadas.

As intrusões empreendidas nos textos das crianças tiveram de ser maiores e acenderam um sinal de alerta para a coordenação pedagógica que, após a conclusão do projeto, verificou a necessidade de promover e intensificar as atividades de produção textual. Conforme aponta a BNCC (2017):

Assim, alfabetizar é trabalhar com a apropriação pelo aluno da ortografia do português do Brasil escrito, compreendendo como se dá este processo (longo) de construção de um conjunto de conhecimentos sobre o funcionamento fonológico da língua pelo estudante. [...] Dito de outro modo, conhecer a “mecânica” ou o funcionamento da escrita alfabética para ler e escrever significa, principalmente, perceber as relações bastante complexas que se estabelecem entre os sons da fala (fonemas) e as letras da escrita (grafemas), o que envolve consciência fonológica da linguagem: perceber seus sons, como se separam e se juntam em novas palavras etc. (BRASIL, 2017, p. 90)

Apesar das dificuldades, os alunos conseguiram produzir textos completos, coesos e coerentes. Foram necessárias reescrituras e reavaliações constantes, tanto em horário de aula quanto após as aulas, de forma assíncrona, através das ferramentas digitais de compartilhamento de texto, utilizadas inclusive para disponibilizar livros e orientações aos alunos fora do horário de aulas .

Os grupos, por si mesmos, resolveram encontrar-se para ensaios extras no contraturno. A escola disponibilizou um horário e locais específicos para os ensaios e garantiu supervisão moderada de funcionários da escola, além de viabilizar todos os protocolos de biossegurança, iguais aos seguidos por toda a comunidade escolar durante o turno de aulas.

Por fim, os esquetes foram apresentados à plateia convidada. Um momento de bastante alegria e troca de ideias e de conhecimento. Não houve qualquer incidente que pudesse atrapalhar a atividade e todos os alunos fizeram participações brilhantes e fortemente aplaudidas pelo público, risadas e expressões de aprovação e contentamento foram a tônica do evento.

A equipe gestora, após as apresentações, fez elogioso discurso acerca do projeto; também teceu agradecimentos e salientou a importância da diversificação das metodologias de ensino. Despedimo-nos com grande satisfação e um lanchinho foi oferecido aos alunos. Cada um deles recebeu uma pequena lembrancinha e um certificado de participação do Projeto Integrador como forma de assinalar e agradecer pelos laços importantes formados durante este período.

1.3 Avaliação do Projeto Integrador

Para avaliar o Projeto Integrador, a Gestão Pedagógica e a Professora Regente foram convidadas a responder alguns questionamentos e tecer observações, os quais foram transformados em um relatório que será apresentado objetivamente nas linhas que se seguem.

1.3.1 A Avaliação Quantitativa

A Gestão Pedagógica e a Professora Regente receberam por escrito o seguinte questionário, o qual já está acompanhado das respostas seguidas de comentários:

01. Quantos alunos há nesta turma?

12 alunos.

02. Há alunos em situação de distorção idade\série? Quantos?

Sim, 2.

03. Há alunos repetentes? Quantos?

Sim, apenas 1.

04. Qual a média adotada pela escola?

A média adotada pela escola é 5,0.

05. Qual a média alcançada pela turma em Língua Portuguesa¹⁰?

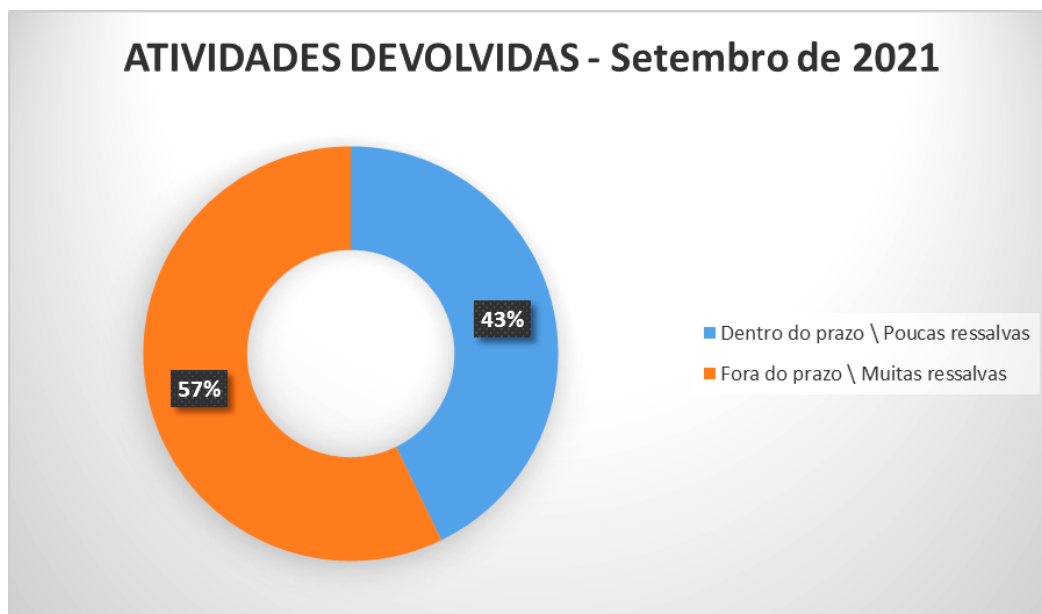
5,71

06. Quantas atividades, em média, são propostas mensalmente aos alunos?

25 a 30 atividades, entre atividades para a sala e para a casa durante um mês, com uma carga horária de 5 horas\aulas semanais.

07. Qual o percentual de aproveitamento¹¹ das atividades propostas no último mês?

De acordo com o material de acompanhamento alimentado pela Professora Regente, entre os dias 06\09 e 01\10\2021, o percentual de aproveitamento é de 42, 82%.



¹⁰ Esse parâmetro é feito a partir da média aritmética entre as notas dos alunos na última unidade.

¹¹ O percentual de aproveitamento está relacionado ao percentual de tarefas entregues na data correta, ainda que os alunos apresentem dúvidas sobre elas. Entende-se que o percentual de interesse do aluno pelo conteúdo lecionado está ligado ao percentual de devolução das atividades.

08. Quais as maiores recorrências, dentre as justificativas listadas a seguir, para o aproveitamento das atividades, tanto as atividades de sala quanto as de casa?

Estas são recorrentes justificativas dos alunos que NÃO devolveram as tarefas na última quinzena do mês de setembro, baseado nas observações e anotações da professora.



09. Quantas atividades, em média, foram propostas aos alunos durante o Projeto Integrador?

20 atividades, entre atividades para a sala e para a casa durante o mês de outubro, com uma carga horária de 5 horas\aulas semanais.

10. Qual o percentual de aproveitamento¹² das atividades propostas durante o Projeto Integrador?

De acordo com o material de acompanhamento alimentado pela Professora Regente, entre os dias 03\ e 30\10\2021, o percentual de aproveitamento é de 56, 38%.

11. Quais as maiores recorrências, dentre as justificativas listadas a seguir, para o aproveitamento das atividades, tanto as atividades de sala quanto as de casa, durante o Projeto Integrador?

Estas são recorrentes justificativas dos alunos que NÃO devolveram as tarefas na última quinzena do mês de setembro, baseado nas observações e anotações da professora.

¹² O percentual de aproveitamento está relacionado ao percentual de tarefas entregues na data correta, ainda que os alunos apresentem dúvidas sobre elas. Entende-se que o percentual de interesse do aluno pelo conteúdo lecionado está ligado ao percentual de devolução das atividades.



Observação importante: Durante o Projeto Integrador houve uma diminuição de 19,6 % nas incidências de NÃO entrega\resolução das atividades.

1.3.2 A Avaliação Qualitativa

Além das sensíveis diminuições dos eventos e circunstâncias deflagradoras das dificuldades gerais dos alunos, o maior benefício colhido após a aplicação do projeto está nas novas “cores” que a escola adquiriu. Alunos motivados, escola alegre! A dinâmica de aplicação das atividades aumentou consideravelmente o volume de leitura e produção de texto praticados pelos alunos, o grau de envolvimento com a aula também sofreu aumento sensível.

A roda de conversa, estratégia utilizada em larga escala ao longo da

aplicação da atividade, mostrou-se bastante eficaz no processo de valorização dos conhecimentos tácitos dos educandos que, valorizados, teceram reflexões que extrapolaram a simples memorização e estavam amplamente correlacionados com a realidade social de cada um, críticos, analíticos.

Por fim, atuando e produzindo teatro, a turma propõe uma avaliação, ao mesmo tempo crítica e artística, da realidade baseada na obra literária. Fruindo a arte e enaltecendo as próprias idiossincrasias, conseguiram, através da diversificação das práticas culturais dentro da escola, formular e resolver problemas, levantar e testar hipóteses, criar soluções criativas para a construção de uma sociedade justa, democrática e inclusiva, tudo isso em práticas lúdicas de letramento, potencializando assim o aprendizado significativo.



REFERÊNCIAS

- BAGNO, Marcos; RANGEL, Egon de Oliveira. **Tarefas da educação lingüística no Brasil**. Rev. Brasileira de Lingüística Aplicada, v. 5, n. 1, 2005.
- BECK, Caio. **Método Paulo Freire de alfabetização**. Andragogia Brasil, 2016. <https://andragogiabrasil.com.br/metodo-paulo-freire-de-alfabetizacao/>>> acesso em 05 de agosto de 2020.
- BERBEL, Neusi Aparecida Navas. "As Metodologias Ativas e a Promoção da Autonomia de Estudantes". **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011. DOI: 10.5433/1679-0359.2011v32n1p25
- BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Livro Didático e conhecimento histórico: uma história do saber escolar**. São Paulo: Universidade de São Paulo-USP, 1993.
- BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular (BNCC)**. Educação é a base. Brasília MEC/Consed/Undime, 2017.
- BRASIL. CNE/CEB (Conselho Nacional de Educação/Câmara de Educação Básica). Resolução Nº 7, de 14 de dezembro de 2010. Fixa Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de 9 (nove) anos. Diário Oficial da União, Brasília, 15 de dezembro de 2010, Seção 1, p. 34. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/rceb007_10.pdf. Acessos em: 10 de agosto de 2020.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. Como a BNCC irá contribuir para a melhoria da educação no Brasil? In: **A Base**. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/a-base> >> acesso em 16/04/2020.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 13.278, de 2 de maio de 2016**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 2016.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. Brasília: MEC, 1996.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. **Temas Contemporâneos Transversais na BNCC: Contexto histórico e pressupostos pedagógicos**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/contextualizacao_temas_contemporaneos.pdf acesso em 10 de agosto de 2020.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Língua Portuguesa / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética / Secretaria de Educação Fundamental**. – Brasília: MEC/SEF, 1997.
- BRZEZINSKI, Iria. **Tramitação e desdobramentos da LDB/1996: embates entre projetos antagônicos de sociedade e de educação**. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 8 n. 2, p. 185-206, jul./out. 2010.
- BUARQUE, Cristovam. **Agora é lei!! Teatro é linguagem obrigatória na educação básica brasileira!** Entrevista concedida ao agência senado e transcrita. 2016. Escrito por TeatronaEscola.com. Disponível em: <https://www.teatronaescola.com/index.php/noticias/item/139-agora-e-lei-teatro-e-linguagem-obrigatoria-na-educacao-basica-brasileira> . Acesso em: 23 jan. 2021.

ABRAL, Beatriz Ângela Vieira. **Mediação em teatro: o professor como artista e pedagogo**. In: Pedagogia do teatro [recurso eletrônico]: prática, teoria e trajetórias de formação docente / organizadores Lucinéia Contiero, Fernando Freitas dos Santos, Matheus Vinícius de S. Fernandes. – Natal, RN : EDUFRN, 2018;

CALÇADE, Paula. **Existe método Paulo Freire nas escolas públicas?**. Revista Nova Escola [online], 2018. In: <https://novaescola.org.br/conteudo/12896/existe-metodo-paulo-freire-nas-escolas-publicas> >> acesso em 05 de agosto de 2020.

CALLEGARI, César. **MEC e CNE buscam acordo sobre o ciclo de alfabetização na Base**: Terceira versão do documento prevê que ciclo se encerre no 2º ano do Fundamental, mas grupos têm se posicionado contra a mudança. [Entrevista concedida a] Laís Semis. Revista Nova Escola, Revista online, 31 de Agosto de 2017. >> Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5387/mec-e-cne-buscam-acordo-sobre-o-ciclo-de-alfabetizacao-na-base> , Acesso em 14 de agosto de 2020.

DIESEL, Aline; BALDEZ, Alda Leila Santos; MARTINS Silvana Neumann. Os **princípios das metodologias ativas de ensino**: uma abordagem teórica. Revista Thema. 2017 | Volume 14 | Nº 1 | Pág. 268 a 288. DOI <http://dx.doi.org/10.15536/thema.14.2017.268288.404>

FERREIRO, E. e TEBEROSKY, A. **A psicogênese da Língua Escrita**. São Paulo: Artmed, 1999.

FERREIRO, Emília. “Cisão entre alfabetização e letramento.” [Entrevista concedida a] WEISZ, Telma. **Cisão entre alfabetização e letramento**. Série Grandes Diálogos. Revista Nova Escola. Junho de 2013. >> disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=WF5S9lc4nmY> , Acesso em 20/04/2020

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GADOTTI, Moacir. **Alfabetização e letramento têm o mesmo significado**. Pátio, Porto Alegre, v. 9, n. 34, p. 48-49, 2005.

GARDNER, Howard. **Frames of Mind: The Theory of Multiple Intelligences**. New York: Basic Books, 1983.

GUEDES, Fabiana Costa; PINTO, Janaína Antonino; SILVA, Ericson Marquiere Reis. **Demônios das Metodologias Ativas de Aprendizagem**. COBENGE 2016 / XLIV CONGRESSO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO EM ENGENHARIA. 27 a 30 de setembro de 2016. UFRN / ABENGE;

GUIMARÃES, Helena. **MEC e CNE buscam acordo sobre o ciclo de alfabetização na Base**: Terceira versão do documento prevê que ciclo se encerre no 2º ano do Fundamental, mas grupos têm se posicionado contra a mudança. [Entrevista concedida a] Laís Semis. Revista Nova Escola, Revista online, 31 de Agosto de 2017. >> Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/5387/mec-e-cne-buscam-acordo-sobre-o-ciclo-de-alfabetizacao-na-base> , Acesso em 14 de agosto de 2020.

GUINSBURG, J, Teixeira Coelho Netto e Reni Chaves Cardoso. **Semiologia do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

JAPIASSU, Ricardo Ottoni Vaz. **Jogos teatrais na escola pública**. Revista da Faculdade de Educação. vol.24 n.2 São Paulo July/Dec. 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-25551998000200005>

JAPIASSU, Ricardo. **Metodologia do Ensino de Teatro**. 1ª ed. São Paulo: Papirus Editora, 2001.

KATTO, Suzana de Brito. **A dramatização como ferramenta didática**. Secretaria de Educação do Estado do Paraná - Programa de Desenvolvimento Educacional PDE. Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2015. >> disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1842-8.pdf> . Acesso em 13 de agosto de 2020.

LISPECTOR, Clarice. **Um Sopro de Vida (Pulsações)**. 3ª edição. São Paulo: Editora Nova Fronteira, 1978.

MACHADO, Maria Clara; ROSMAN, Marta. **100 jogos dramáticos**. Rio de Janeiro: Agir, 1994.

MORAN, José. "Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda." In BACICH & MORAN (Orgs). **Metodologias ativas para uma educação inovadora**. Porto Alegre: Penso, 2018. Disponível em: http://www2.eca.usp.br/moran/wp-content/uploads/2013/12/metodologias_moran1.pdf. Acesso em Setembro de 2019.

NIGRO, Rachel Barros. **Desconstrução da Linguagem Política**. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Paulo Cesar Duque Estrada – Orientador. Disponível em: <https://www.maxwell.vrac.puc-rio.br/colecao.php?strSecao=resultado&nrSeq=11425@1>

OLIVEIRA, Luciano Amaral. **Coisas que todo professor de português precisa saber: a teoria na prática**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa Social, métodos e técnicas**. 3ª ed. São Paulo: Editora Atlas, 2010.

ROSENFELD, Anatol. **A arte do teatro**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RUZZA, Janete Aparecida Partelli. **Professores de Artes: formação continuada e os reflexos na sala de aula das séries iniciais**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – UNESP. Instituto de Artes. Programa de Pós-graduação em Artes, 2008.

SANTIAGO, Alexandre. **Teatro-Educação e ludicidade: novas perspectivas em educação**. Revista científica/ Revista da Faced, n.8, 2004.

SILVA, Marco Antônio. **A fetichização do Livro Didático no Brasil**. Educ. Real., Porto Alegre, v. 37, n. 3, p. 803-821, set./dez. 2012. >> Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>

SOARES, Magda. "É preciso ter vários métodos para alfabetizar", afirma especialista. [Entrevista concedida a] Rubem Barros. Revista Educação, Revista online, Edição n. 233, 18 DE OUTUBRO DE 2016 . >> Disponível em: <https://revistaeducacao.com.br/2016/10/18/e-preciso-ter-varios-metodos-para-alfabetizar-afirma-especialista/> , Acesso em 14 de agosto de 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e Letramento**. São Paulo: Contexto. 2008.

SOARES, Magda. **Alfabetização: A Questão Dos Métodos**. São Paulo: Contexto Ano: 2016.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica. 2003.

SPOLIN , Viola. **Improvisação para o teatro** . Tradução e revisão de Ingrid Dormien Koudela e Eduar do José de Almeida Ramos. São Paulo: Perspectiva, 2010.- (Estudos; 62 /dirigida por J. Guinsburg).

SPOLIN , Viola. **Jogos teatrais para a sala de aula:** um manual para o professor; Tradução e revisão de Ingrid Dormien Koudela. São Paulo: Perspectiva, 2008.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. Tradução de José Cipolla Neto, Luís Silveira Menna Barreto, Solange Castro Afeche. 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, Henri. **Psicologia da Educação e da Infância**. 1ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

ZABALA, Antoni. **A Prática Educativa:** como ensinar. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.